UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

IVANILSON BEZERRA DA SILVA

A Cidade, a Igreja e a Escola: relações de poder entre maçons e presbiterianos em Sorocaba na segunda metade do século XIX

Volume II
(Anexos)

FEUSP
SÃO PAULO - 2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

IVANILSON BEZERRA DA SILVA

A Cidade, a Igreja e a Escola: relações de poder entre maçons e presbiterianos em Sorocaba na segunda metade do século XIX

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para a obtenção de título de mestre em Educação.
Área de concentração: História da Educação e Historiografia.
Orientadora: Profª. Drª. Maria Lúcia Spedo Hilsdorf.

FEUSP
SÃO PAULO - 2010

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

377.1
S586c

Silva, Ivanilson Bezerra da
A cidade, a Igreja e a Escola: relações de poder entre maçons e presbiterianos em Sorocaba na segunda metade do século XIX / Ivanilson Bezerra da Silva; orientação Maria Lucia Spedo Hilsdorf. São Paulo: s.n., 2010.
2 v. ; tabs. ; anexos.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: História da Educação e Historiografia) - - Faculdade de Educação da Universidade dia São Paulo.

1. Educação protestante 2. Maçonaria 3. Presbiterianismo 4. Igreja 5. Política 6. Cidade I. Hilsdorf, Maria Lúcia Spedo, orient.

SUMÁRIO

1. Anexo 1: Mapa da cidade de Sorocaba..... Erro! Indicador não definido.**01**

2. Anexo 2: Fotos 02

Foto 1: Cidade de Sorocaba 02
Foto 2: Ubaldino do Amaral 03
Foto 3: Luiz Matheus Maylasky..... 04
Foto 4: Júlio Ribeiro..... 05
Foto 5: Rev. José Zacharias de Miranda e Silva..... 06
Foto 6: Casa de José Antonio de Souza Bertholdo – Depósito de Bíblias..... 07
Foto 7: Blackford e seminaristas..... 08
Foto 8: Primeiros membros da Igreja Presbiteriana de Sorocaba..... 09
Foto 9: Primeiro templo Presbiteriano em Sorocaba (1883-1886)..... 10
Foto 10: Rev. Zacharias de Miranda e família..... 11
Foto 11: Reunião do Presbitério do Rio de Janeiro em Sorocaba (1885)..... 12
Foto 12: Rev. Antonio Pedro de Cerqueira Leite.....13
Foto 13: Professora Palmira Rodrigues Cerqueira Leite.....14
Foto 14: Professor Zacharias de Miranda.....15
Foto 15: Prédio onde funcionou o Colégio Sorocabano.....16
Foto 16: Prédio do Grupo Escolar Antonio Padilha.....17

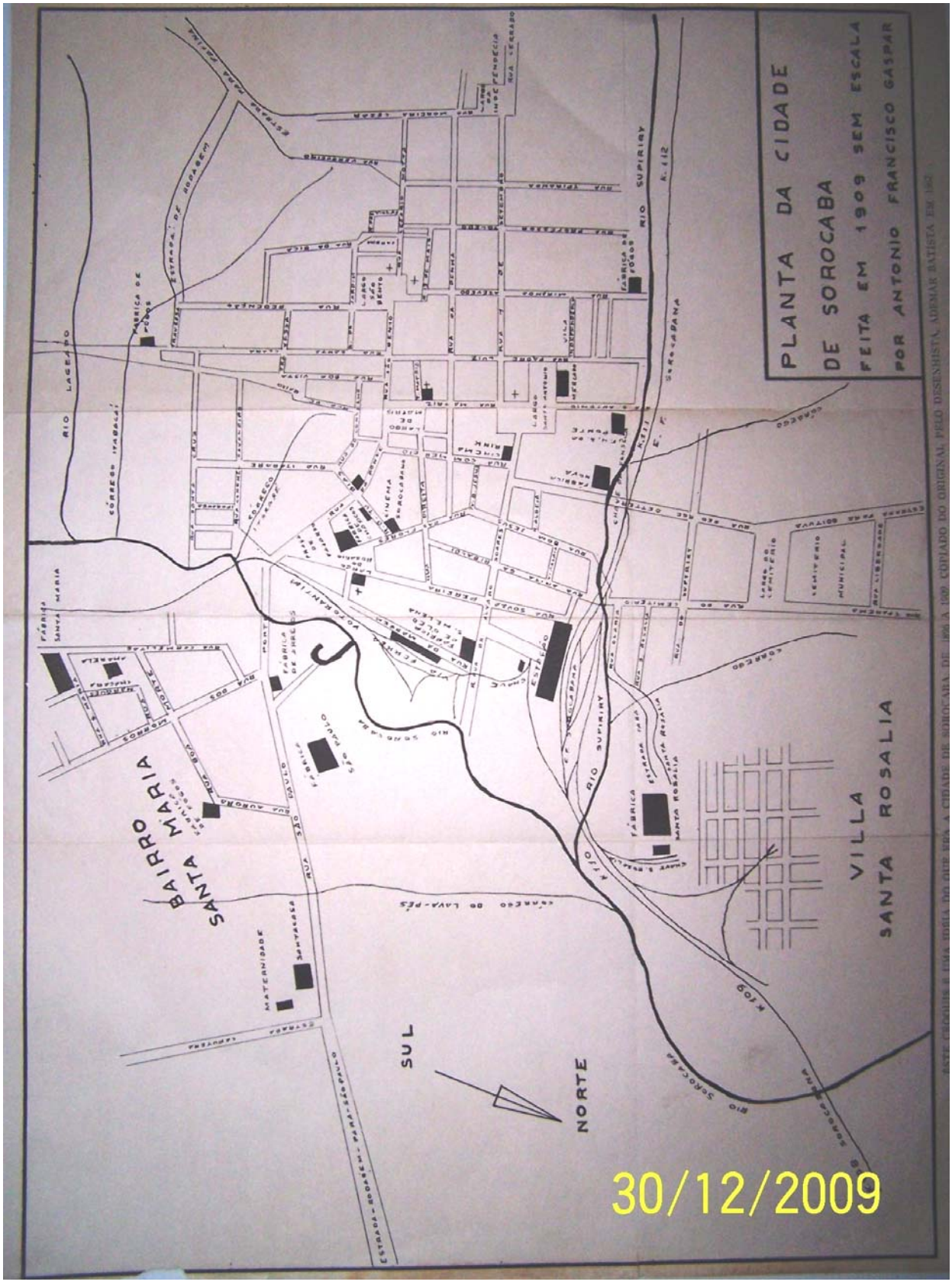
3. Anexo 3: Artigos de Jornais..... 18

Artigo 1: Defesa de Justiniano Marçal de Souza 18
Artigos 2: Fiat Lux..... 20
Artigos 3: Resposta do Padre Camilo Passalacqua..... 23
Artigos 4: A Igreja Cristã..... 25
Artigos 5: O caso do Rio Feio 38

4. Anexo 4: Hinos de Antonio Pedro de Cerqueira Leite..... 50

5. Anexo 5: Carta de Antonio Pedro de Cerqueira Leite..... 52

Anexo 1: MAPA DE SOROCABA



Mapa da cidade de Sorocaba 1909 – Acervo pessoal de José Carlos de Campos Sobrinho

Anexo 2 - Foto 1: Cidade de Sorocaba - 1886

1886 - Rua de São Bento e Largo da Matriz com o Gabinete de Leitura Sorocabano, ainda hoje no mesmo local. No fundo o Mosteiro de São Bento. Foto de Júlio W. Durski. Arquivo: Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba

Foto 2: Ubaldino do Amaral

Ubaldino do Amaral. Foto sem data. Arquivo da Loja Maçônica Perseverança III.

Foto 3: Luiz Matheus Maylasky

Luiz Matheus Maylasky. Arquivo Loja Perseverança III.

Foto 4: Júlio Ribeiro

Foto de 1886: Ramalho Ortigão (sentado do lado esquerdo), Júlio Ribeiro (sentado do lado direito) e Antonio Trajano (em pé). Fonte: A Perseverança III e Sorocaba. Vol. II

Foto 5: Rev. José Zacharias de Miranda e Silva

Rev. José Zacharias de Miranda.
Pastor da Igreja e Diretor do Colégio Sorocabano (1884 – 1899)
Foto sem data. Arquivo da Igreja Presbiteriana de Sorocaba.

Foto 6: Casa de José Antonio de Souza Bertholdo – Depósito de Bíblias.

Foto sem data. Casa de José Antonio de Souza Bertholdo, depósito de Bíblias e lugar da Organização da Igreja Presbiteriana de Sorocaba. Local: Rua São Bento. Arquivo da Igreja Presbiteriana de Sorocaba. Faz parte do álbum de fotos elaborado pelo Rev. Willian Kerr (1922).

Foto 7: Blackford e seminaristas.

Blackford e os seminaristas: da esquerda para direita: Miguel Torres, Antonio Bandeira Trajano, Blackford, Antonio Pedro de Cerqueira Leite e Modesto Perestrello Barros de Carvalhosa. Arquivo Pessoal do Professor Alderi Souza Matos.

Foto 8: Primeiros membros da Igreja Presbiteriana de Sorocaba

Membros da Igreja Presbiteriana de Sorocaba (1877). Sem identificação dos nomes. Acervo da Igreja Presbiteriana de Sorocaba

Foto 9: Primeiro templo Presbiteriano em Sorocaba (período de construção 1883-1886).

1º Templo Protestante na cidade de Sorocaba, construído entre 1883 e 1886, na antiga Rua Boa Vista, atualmente Nogueira Martins. Faz parte do álbum de fotos elaborado pelo Rev. Willian Kerr (1922). Arquivo da Igreja Presbiteriana de Sorocaba

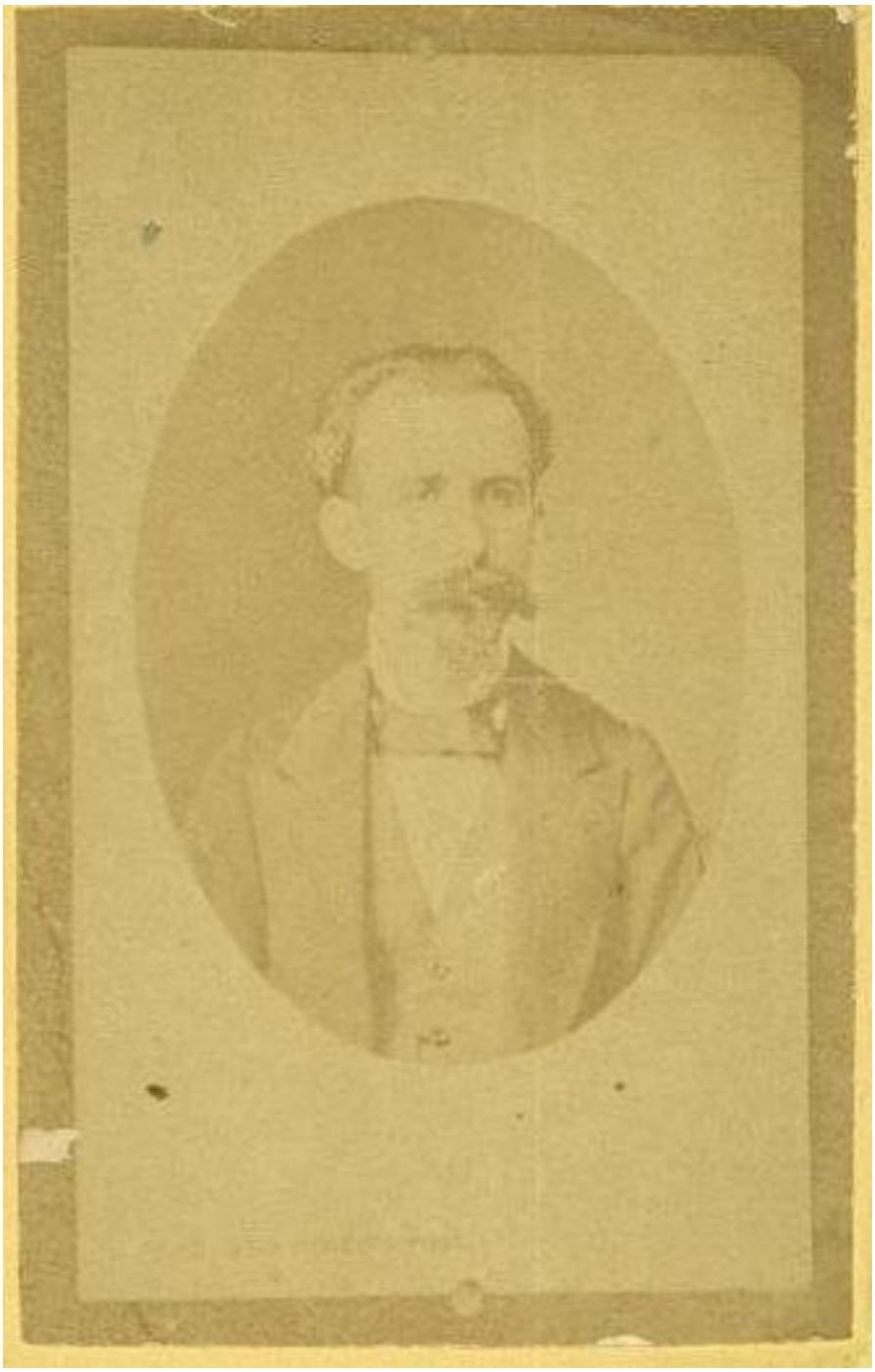
Foto 10: Rev. Zacharias de Miranda e família

No centro sentado: Rev. Zacharias de Miranda, do seu lado direito em pé: sua esposa Henriqueta Isaura de Miranda. Filhos: Antonio Sebastião, Maria Isaura, Lídia, Adalgisa, Carmelina, Heráclito, Irani e Albertina (Acervo da Igreja Presbiteriana de Sorocaba). Foto sem data.

Foto 11: Reunião do Presbitério do Rio de Janeiro em Sorocaba (1885).

Reunião do Presbitério do Rio de Janeiro em Sorocaba (1885). Sentados: Revs. João Ribeiro de Carvalho Braga, Robert Lenington, Alexandre L. Blackford (sic), George W. Chamberlain, Antonio B. Trajano, George A. Landes. Em pé: Antonio Gomes da Silva Rodrigues, Revs.Caetano Nogueira Junior, John M. Kyle, Donald C. Mclaren. Revs. Modesto P. B. Carvalhosa, Eduardo Carlos Pereira, Miguel G. Torres, John B. Howell e Presbíteros: Francisco Rodrigues, Manoel José Rodrigues da Costa, José Rodrigues de Carvalho. No púlpito: Zacharias de Miranda (no centro e em pé, pastor da Igreja hospedeira). (Acervo do historiador Alderi Souza Matos, a descrição dos nomes foi feita pelo mesmo historiador)

Foto 12: Rev. Antonio Pedro de Cerqueira Leite

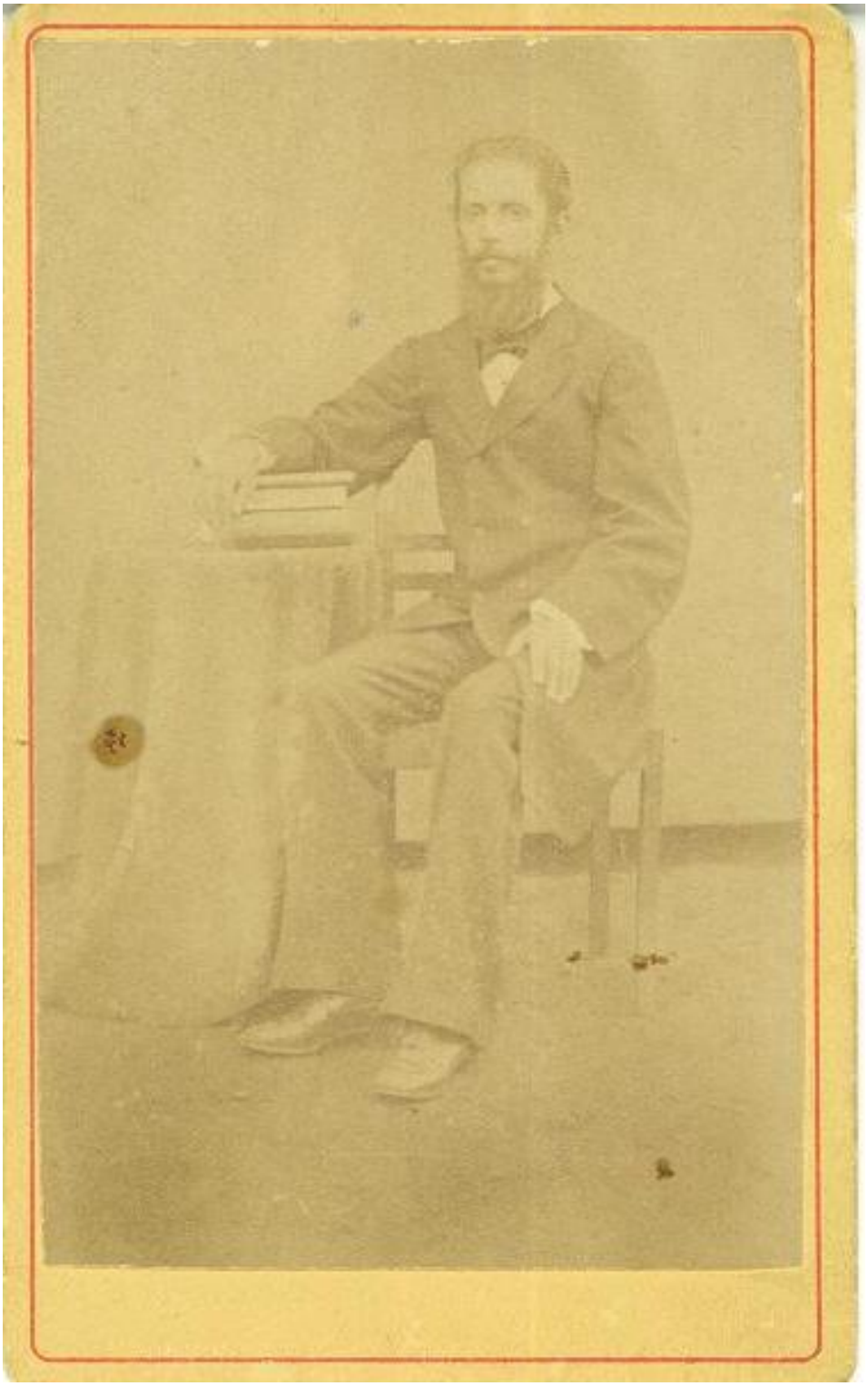


Rev. Antonio Pedro de Cerqueira Leite. Foto sem data. Acervo pessoal de José Carlos de Campos Sobrinho

Foto 13: Professora Palmira Rodrigues Cerqueira Leite

Palmira Rodrigues de Cerqueira Leite, esposa de Antonio Pedro, professora da Escola Americana em Sorocaba. Acervo pessoal do professor George de Cerqueira Leite Zarur. Foto sem data.

Foto 14: Professor Zacharias de Miranda



Zacharias de Miranda. Foto sem data. Acervo pessoal de José Carlos de Campos Sobrinho.

Foto 15: Prédio onde funcionou o Colégio Sorocabano dirigido pelo Rev. Zacharias de Miranda.

1886 - Rua da Penha esquina com Rua das Flores, atual Rua Monsenhor João Soares - Foto de Júlio W. Durski. No prédio à esquerda foi instalado em 1894 o Colégio Sorocabano, dirigido pelo Rev. Zacharias de Miranda. Arquivo do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba.

Foto 16: Prédio do Grupo Escolar Antonio Padilha.

Prédio da Escola Protestante e mais tarde 1º prédio do Grupo Escolar, situado na Rua das Flores - Fonte: Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba.

Anexos[1] 3: ARTIGOS DE JORNAIS: Acervo – Gabinete de Leitura de Sorocaba

Artigo 1: Defesa de Justiniano Marçal de Souza, publicado no Jornal O Ypanema em 16/07/1879.

No culto publico da noite de 13 do corrente, o pastor da Igreja Evangélica Presbiteriana d"esta cidade, reverendo Antonio Pedro de Cerqueira Leite, suspendeu-me de meus direitos de membro professo da mesma igreja. Obrou sua Revma. em conformidade com o que decidira a sessão da igreja reunida nos dias 27 de Junho e 4 de Julho do ano andante. Precederam à decisão duas intimações de comparecimento a mim feitas: a ambas recusei obedecer. Articulava-se contra mim:

1º - Meu escandaloso procedimento em casa do sr. Sebastião Fogaça, em quarta-feira de culto.

2º - O fato de ter eu deixado de ir aos cultos, servindo de escândalo à Igreja, e de pedra de tropeço à minha própria família.

3º - O fato de ter eu negado o Velho Testamento.

4º - Transgressão do domingo.

Nada mais infundado e caprichoso do que semelhantes pontos de acusação; nada mais pueril do que o cortejo de testemunhos com que se os procurava fundamentar; nada mais anti-evangélico do que a decisão tomada.

Sobre o primeiro ponto:

Na noite de quarta-feira, 30 de abril passado, por ocasião de um culto celebrado em casa do sr. Sebastião Fogaça, anunciou o presbítero sr. João de Aguiar, que o culto diurno do próximo domingo teria lugar em casa do sr. Lino Soares, e que ali se havia de marcar lugar para o culto da noite. Entendi eu que já n'essa mesma ocasião se deveria indicar o lugar do referido culto da noite de domingo para ciência dos que por qualquer motivo não pudessem assistir o culto diurno, e estranhei o dislate em termos respeitosos. O presbítero sr. Francisco Rodrigues Pacheco Gato, que assessorava ao primeiro, chamou o caso a si, e respondeu-me desabridamente que o Pastor da Igreja, ao ausentar-se em viagem missionária, deixara ao cuidado dos Presbíteros toda a direção da Igreja, e que eles não tinham dar satisfações a pessoa alguma. Curvei-me ao ukase csarino, ponderando que dali em diante ficava sabendo que a Igreja Presbiteriana de Sorocaba era absoluta, e que passavam a letra mostra às disposições da Epistola aos Filipenses, cap.11, vers. 1 a 12, e da 2ª Epistola a Timóteo, cap.11, vers. 23 a 26.

Sobre o segundo ponto:

É verdade que antes de ter incorrido nas iras eclesiásticas, já eu tinha deixado de freqüentar os cultos por algum tempo, isso, porém, em virtude de enfermidades graves de duas filhas minhas, uma das quais até agora se acha em convalescença.

Sobre o terceiro ponto:

É inteiramente falso que eu tenha negado o Velho Testamento, não me parecem lá muito edificantes, por exemplo: - a maneira engenhosa que descobriram as filhas de Ló de conservar a pureza da raça judaica; o lirismo sanguinário do Santo Rei David para com a mulher de seu capitão Urias; a aventura de Thamar com o sogro; o estupro de outra Thamar por seu irmão, etc.etc.

Sobre o quarto ponto:

É verdade que fui em dia de domingo à casa de um parente meu: mas fui buscar lenitivo aos desejos de um enfermo de minha família. Fui visto nessa ocasião por piedosos crentes que em respeitável compungimento dirigiam-se a casa do culto.

Recusei comparecer.

[1] Manteve-se a escrita da época.

Recusei, não por causa da futilidade dos pontos de acusação, mas por terem o Reverendo Pastor e os meus acusadores deixado de cumprir com o que terminantemente preceitua para tais casos o Divino Mestre (Evangelho Segundo Matheus, cap.XVIII, vers.14 a 17). Na falta do cumprimento d'essa ordenança salutar enxerguei eu o propósito manifesto de deprimirem-me, de evitarem que eu explicasse em particular o meu procedimento, e que assim caíssem por terra sem escândalo os meus pretendidos crimes. Queria-se a retratação publica do mal que eu não fizera; queria-se a minha humilhação perante testemunhas; queria-se que eu acovardado servisse de pedestal a exaltação dos que realmente tinham pecado.

Era de certo para maior gloria de Deus e para louvor dos Presbíteros.

Quanto ao primeiro ponto: - O insultado sou eu, as expressões grosseiras partem do Presbítero, e eu ainda sou quem dá escândalos, quem deve pedir perdão? É Cristo ou é Dragão o nosso legislador?

Quanto ao segundo: - Porque não sabia o Reverendo Pastor que a causa da minha omissão nos cultos era a enfermidade de minhas filhas? Era porque ele não cumpria o seu dever de vir a minha casa informar-se do que havia. Pois não é para isso e para mais que está S.Revma. comissionado pela missão Evangélica? Si desconfiava de que eu, ovelha do seu rebanho, estava me desgarrando, porque não vinha procurar conduzir-me ao aprisco?

Quanto ao terceiro: - Será realmente edificante a história de Ló? Haverá moralidade na exposição crua das paixões brutais de David? O procedimento de Judá poderá servir de exemplo aos Paes de família?

Não corta o coração do infortúnio da inocente filha de David, traiçoeiramente violentada e depois expulsa por aquele que tinha o dever de protegê-la? Note-se que eu do fundo de minha ignorância apenas faço perguntas, sem me atrever a dar respostas.

Não se lembra o Reverendo Sr. Antonio de Cerqueira Leite de que esta questão do Velho Testamento já foi ventilada em outra época? Terá esquecido já a S.Revma. o que então disse a tal respeito?

Sobre o quarto: - Não estará S.Revma. ciente de que as Escrituras autorizam algumas vezes o quebrantamento de certas ordenanças? Não acudiam os Israelitas em dia de Sábado aos seus animais em perigo? Não entrou David na Casa de Deus e não tirou de lá contra a Lei os pães da proposição?

Em vista do que levo dito: Entendo que andei bem em não comparecer, porque foi ilegal o procedimento havido para comigo, uma vez que se não cumpriu o preceituado pelo Divino Mestre no já citado cap.XVIII de S. Mateus vers. 14 e 17, entendo que cumpri um dever em provar com a minha resistência que os crentes também têm direitos, e que os Ministros os devem acatar n' esses direitos; entendo que si houver justiça no Presbitério S.Revma. há de prestar estreitas contas do seu procedimento ilegal e caprichoso para comigo.

Sou crente em Jesus e só receio a excomunhão de Deus manifesta pela voz da consciência: relativamente à excomunhão fulminada por S.Rvma. contra mim dou-lhe o mesmo peso que S.Revma. dá à excomunhão maior de Roma que lhe paira sobre a cabeça. É esta a primeira vez que venho a imprensa sobre cousas de religião: voltarei si preciso for. Sorocaba, 15 de Julho de 1879. Justiniano Marçal de Sousa (Ypanema, 16/07/1879).

Artigo 2: Fiat Lux – disputa entre Zacharias de Miranda e o padre Camilo Passalacqua.

JORNAL DIARIO DE SOROCABA – ANNO VII – Nº 1394 – TERÇA-FEIRA, 12 DE JULHO DE 1887 – PAG. 3

SECÇÃO LIVRE
FIAT LUX

Tendo-se propalado por occasião da festividade do SS.Coração de Jesus, n'esta cidade, que o revdo. Padre Camillo Passalacqua, em um discurso proferido na Matriz, desafiara-me para uma discussão, eu que nunca temi discussões no terreno dos princípios religiosos que adopto; mas muito pelo contrário desejo-as, escrevi para ser publicado no Diário de Sorocaba, uma nota que declarava ao revd. Passalacqua que estava á suas ordens para o dia, logar, hora e assumpto que elle se dignasse designar-me.
Entregando minha declaração ao sr. Manuel Jannuario de Vasconcellos, redactor-proprietario do Diário para inseril-a no seu jornal, disse ao mesmo sr. Vasconcellos que desejava ir pessoalmente entender-me com o revd. Passalacqua para convencionarmos sobre as bases da discussão e darmos a elle uma direcção proveitosa; pelo que, como não tinha o prazer de conhecer o revd. Passalacqua, pedia ao sr. Vasconcellos o obsequio de acompanhar-me e apresentar-me ao revd.

O sr. Vasconcellos, porém, ouvindo-me e lendo a minha declaração, respondeu-me francamente que achava inopportunas taes medidas, visto como elle podia assegurar-me que a noticia que me foi dada acerca da provocação era inteiramente sem fundamento. Não houve, disse-me, tal provocação nem qualquer cousa que se pudesse traduzir em desafio. Em vista, pois, d'esta declaração formal, e como o cidadão Jannuário de Vasconcellos me merece todo o conceito, desisti de fazer qualquer declaração. Como, porém, fui ultimamente avisado que continuam por ahi a dizer eu fui desafiado e fugi á discussão, eu appello para o testemunho do sr. Manuel Jannuário de Vasconcellos, pedindo que elle sirva-se de declarar si eu estava ou não prompto a acceitar o desafio, si tal desafio tivesse tido logar: Confiando, pois, no cavalheirismo e nunca desmentida lealdade do muito digno redactor-proprietario do Diário de Sorocaba, ouso pedir-lhe que queira declarar ao pé d'este, si é ou não verdade o que acima fica dito.

Sorocaba, 11 de Julho de 1887
J. Zacharias de Miranda

JORNAL DIARIO DE SOROCABA – ANNO VII – Nº 1399 – DOMINGO, 17 DE JULHO DE 1887 – PAG. 2

FIAT LUX

Ilmo. Sr. Manuel Jannuario de Vasconcellos, mui distincto redactor do Diário de Sorocaba.
Aproveito a opportunidade para externar a V.S. a minha gratidão pela maneira benévola, com que, tratou-me durante minha estada n'essa cidade.

Um pouco tarde, pois que são passados já quatro dias, chegou a meu conhecimento uma publicação com o titulo acima, mandada inserir em seu jornal pelo Sr. J. Zacharias de

Miranda. N'ella o signatário dá a entender que eu do alto da tribuna sagrada desafiara S.S. para uma discussão.

Aproveito a minha boa quinta-feira collegial para escrever o que se segue: V.S., que sabe avaliar o ministério da pregação catholica, andou, como era de esperar, muito bem quando affirmou ao Sr. Zacharias ser inexato que eu ouvesse desafiado S.S. De facto, eu não desafiei, nem podia desafiar, o Sr. Zacharias, não só porque não está em meu caracter de homem educado desafiar, mesmo porque os sagrados cânones prohibem-me expressamente qualquer discussão religiosa sem prévia licença do Superior Ecclesiastico. O que fiz, fazel-o era de meu dever, foi convidar a todos e a cada um de meus ouvintes e aos que noticia de minhas prédicas tivessem a exporem suas duvidas em a casa de minha residência em qualquer dia e hora.

Claro está que referi-me aos que abraçaram a heresia de boa fé, isto é, aos que, conhecida a verdade catholica, voltariam ao seio da Egreja. Claro está ainda que o Sr. Zacharias, a quem aliás devo respeito como cidadão e contra quem nada tenho, mesmo porque não o conheço, claro está- repito – não podia esse cavalheiro execptuado do meu amigável convite, desde que S.S. tivesse duvidas sérias sobre a religião, em que teve a felicidade de nascer e não está tendo a ventura de viver.

Eu disse, e meus ouvintes são testemunhas, que dividia os catholicos em duas classes: illustrados e ignorantes.

A estes era de meu caridoso dever douctrinar, aos outros, porém, dissipar-lhes as duvidas por meio de argumentos theológicos, históricos e scientificos. Desejoso de que minhas instrucções aproveitassem, como graças ao S.S.Coração de Jesus aproveitaram, a todos indistinctamente, não podia ser outra minha linguagem, que, mercê de Deus, é filha da mais sincera e reflectida convicção, em face do mais importante e capital problema social e religioso, qual era o que eu estava explicando ao meu audictorio.

Lembro-me, como se tivera sido hontem, que eu disse, e o digo mil vezes, si preciso for, que a convicção e muito menos a persuasão accerca das verdades religiosas não se impõem; que a prevenção e a pertinácia calculada são obstáculos insuperáveis para a acquisição de qualquer douctrina mesmo scientifica.

Uma conversão, seja qual for, é sempre producto racional da humana liberdade e o desprendimento total do estado primitivo, que se deixou. Alem d'isso, prevenir-se contra quaesquer conclusões e proclamar de antemão a impossibilidade d'ellas é inutilizar toda a argumentação, seja ella do espírito mais robusto. Ora, si o Sr. Zacharias de Miranda, está tam afferrado á sua nova religião, que não cogita(?) da existência da verdade do catholicismo, e por conseguinte nem admitte(?) a possibilidade de erro no protestantismo; claro está ainda uma vez que, si Jesus Christo viesse em pessoa pregar-lhe uma douctrina que não a professada por SS.o Sr. José Zacharias de Miranda recusaria formalmente ao próprio Deus a adhesão de sua intelligencia, com a persuasão de sua vontade. E estaria no seu direito Sr. Zacharias, ainda quando de facto lhe custasse a perdição de sua alma e das almas a quem houvesse arrastado na corrente de suas douctrinas.Já vê, pois, S.S. que eu não podia desafial-º Tendo desde longos annos por habito respeitar a quem quer que seja em suas convicções, ainda as mais oppostas ás minhas, não podia mais uma vez desafiar S.S. Muito menos o teria feito no exercício do meu sagrado ministério, em presença de avultado número de ouvintes, n'um templo catholico, e muitíssimo menos deante do S.S.Sacramento...

O que fica dito é apenas uma real diferencia ao distincto e illustrado redactor do Diário de Sorocaba, ao honrado e brioso povo sorocabano e até ao Sr. José Zacharias de Miranda. Se o Sr. Zacharias de Miranda, entretanto, que nunca temeu discussão no terreno dos princípios religiosos que adopta,não está satisfeito com a sua sorte, continue S.S. a não temer. Fique, porém, S.S. certo de que o subscriptor d'estas linhas, por nas vezes, não tem medo, não pode ter, nem deve ter. E, como penhor de minha palavra, prometto ao Sr. Zacharias de Miranda

avisal-o, - quando tiver de ir a Sorocaba, oito dias antes, para que não no púlpito, mas em casa de S.S. ou em casa onde eu estiver hospedado possa satisfazel-o pessoalmente na medida do ardente desejo que tão galhardamente mostrou em uma nota dirigida ao digno redactor d'esta folha. É possível que seja isso nas próximas férias de Janeiro a Março.
Si S.S. não tiver a paciência de esperar, ou contar alguma folgazinha deixada pelos seus innumeros affazeres, ou tiver de vir a Capital, aqui encontrar-me-á S.S. nas minhas horas vagas.

Não quero por nada prival-o d'este prazer por ventura legítimo de S.S. As bases da nossa discussão serão as que S.S. quizer. Eu sou catholico, e as bases da minha religião são conhecidas. S.S., que vem derrocar essas bases, é que deve, me parece, preparar-se como quizer e entender. Nada mais, penso, exigirá de mim o Sr. Zacharias de Miranda, aquem, como já disse, respeito como cidadão e que, sabe Deus, virá a ser um fervoroso catholico.

Despedindo-me de V.S. Sr., redactor do Diário de Sorocaba, deixo aqui declarado que nada mais escreverei relativamente ao assumpto que tanto incommodou, ao que parece, o Sr. Zacharias de Miranda. Não tenho tempo para isso.

Subscrevo-me de V.S.
Admirador e servo agradecido.
Padre Camillo Passalacqua
S.Paulo, 14 de Julho de 1887.

JORNAL DIARIO DE SOROCABA – ANNO VII – Nº 1436 – QUARTA-FEIRA, 31 DE AGOSTO DE 1887 – PAG. 3

SECÇÃO LIVRE
O SR. CAMILLO PASSALACQUA

O publico de Sorocaba está informado por um telegramma publicado n'esta folha, no dia 25 do corrente, que o Sr. Camillo Passalacqua visitou-me em São Paulo; sabe mais o publico que eu não quis annuir á proposta do Sr. Passalacqua, para discutirmos em particular. Como, porém, o telegramma do Sr.Passalacqua não informou o publico sorocabano acerca da verdade inteira, porque isso ficaria muito... caro, eu me proponho trazer a campo algumas particularidades mais salientes do nosso encontro, particularidades essas, a cujo respeito o telegramma é inteiramente omisso.

Em primeiro logar, cumpre-me scientificar ao publico que a noticia dada pelo telegrapho não é rigorosamente verdadeira. O Sr. Passalacqua principiou, sinão por faltar, ao menos por alterar a verdade. O que ouve foi o seguinte: depois de termos debatido durante hora e meia, tentando o Sr. Passalacqua provar a infallibilidade do papa, (o que, seja dito aqui á puridade, é o maior attentado que se possa commetter contra a historia, e um insulto ao bom senso) disse eu ao meu illustre contendor que não me satisfazia com uma discussão em particular, nem mesmo tive em vista acceital-a; queria sim, desejava mesmo, uma discussão perante o publico e em Sorocaba, porque eu estava certíssimo do resultado.
A resposta que o illustre coripheu do romanismo deu ao meu convite é que eu desejava fosse publicada por telegramma ou de qualquer outro modo, pois o Sr. Camillo Passalacqua teve o bom senso de recusar terminantemente o meu convite.

Não extranhe o publico a minha linguagem, nem o ter eu sublinhado esta sentença. Em vão fiz eu sentir ao Sr. Passalacqua a conveniência de uma discussão perante o publico: o Sr. Passalacqua foi inflexível, e isto por um motivo muito evidente: a idea de discutir perante o publico, de ter de responder ás argüições de um adversário fazia-lhe muito mal ao systema

nervoso. Cheguei mesmo no extremo de dizer ao Sr. Passalacqua que elle tinha medo da discussão, porque sabia que estava pisando em terreno escorregadio; que elle estava convencido da insustentabilidade dos seus princípios religiosos perante as Escripturas, e por isso temia perder terreno com a discussão, não consegui estimular-lhe o animo; somente respondia-me: “Não tenho terreno a perder” (textual)!...

Já vê o publico que não é inteiramente verdade que eu não quizesse acceitar a discussão em particular, visto como discutimos; o que é verdade é que o Sr. Passalacqua teme a discussão publica!...

Direi em segundo logar que o Sr. Camillo Passalacqua foi muito sensato em não acceitar a discussão publica, porque realmente não está preparado para um tal certamem; somente tenho de notar-lhe a versatilidade do seu espírito. No mez passado mostrou-se tão bizarro, tão guapo, propondo-se a dissipar minhas duvidas sérias com argumentos theológicos, históricos e scientifcos, levando a generosidade ao ponto de promptificar-se a vir a Sorocaba, nas próximas férias de Janeiro a Março; agora a cousa é outra: como peguei-lhe na palavra, o Sr. Passalacqua foge espavorido!

Pois fuja, muito embora, si algum dia voltar-lhe o animo, depois de melhor preparado, e quizer voltar á carga, levarei a minha generosidade a ponto de recebel-o com gosto. Mas estude melhor a matéria para não commetter os erros crassos que commetteu no dia 25. Si também quizer trazer ordenança como n’aquelle dia, não faço questão.

Aconselho outrossim a S.S. que consulte os diccionarios para ficar conhecendo melhor as diversas accepções da phrase – dar culto – de sorte que não venha de novo affirmar que essa phrase não refere á adoração religiosa que devemos a Deus.Será bom também que lance algumas olhadelas para o capitulo 22 do evangelho de S. Luccas para livrar-se de commetter outro fiasco, como o que fez no dia 25, quando affirmou que as palavras: Simão, Simão, eis ahi vos pediu Satanaz etc...(S.Luccas 22:31 e 32) foram proferidas depois da queda de Pedro. Em summa o Sr. Passalacqua estude mais a matéria e venha si quizer: cresça e appareça. Res, non verba volo.

Sorocaba, 29 de Agosto de 1887
J. Zacharias de Miranda

Artigos 3: Resposta do Padre Camilo Passalacqua a Zacharias de Miranda publicado no Jornal Diário de Sorocaba 17/07/1887.

Ilmo. Sr. Manuel Januário de Vasconcellos, mui distinto redator do Diário de Sorocaba. Aproveito a oportunidade para externar a V.S. a minha gratidão pela maneira benévola, com que, tratou-me durante minha estada n’essa cidade. Um pouco tarde, pois que são passados já quatro dias, chegou a meu conhecimento uma publicação com o titulo acima, mandada inserir em seu jornal pelo Sr. J. Zacharias de Miranda. Nela o signatário dá a entender que eu do alto da tribuna sagrada desafiara S.S. para uma discussão. Aproveito a minha boa quinta-feira colegial para escrever o que se segue: V.S., que sabe avaliar o ministério da pregação católica, andou, como era de esperar, muito bem quando afirmou ao Sr. Zacharias ser inexato que eu houvesse desafiado S.S. De fato, eu não desafiei, nem podia desafiar, o Sr. Zacharias, não só porque não está em meu caráter de homem educado desafiar, mesmo porque os sagrados cânones proibem-me expressamente qualquer discussão religiosa sem prévia licença do Superior Eclesiástico. O que fiz, fazê-lo era de meu dever, foi convidar a todos e a cada um de meus ouvintes e aos que noticia de minhas prédicas tivessem a exporem suas dúvidas em a casa de minha residência em qualquer dia e hora.

Claro está que referi-me aos que abraçaram a heresia de boa fé, isto é, aos que, conhecida a verdade católica, voltariam ao seio da Igreja. Claro está ainda que o Sr. Zacharias, a quem aliás devo respeito como cidadão e contra quem nada tenho, mesmo porque não o conheço, claro está - repito – não podia esse cavalheiro excetuado do meu amigável convite, desde que S.S. tivesse dúvidas sérias sobre a religião, em que teve a felicidade de nascer e não está tendo a ventura de viver.

Eu disse, e meus ouvintes são testemunhas, que dividia os católicos em duas classes: ilustrados e ignorantes.

A estes era de meu caridoso dever doutrinar, aos outros, porém, dissipar-lhes as dúvidas por meio de argumentos teológicos, históricos e científicos. Desejoso de que minhas instruções aproveitassem, como graças ao S.S. Coração de Jesus aproveitaram, a todos indistintamente, não podia ser outra minha linguagem, que, mercê de Deus, é filha da mais sincera e refletida convição, em face do mais importante e capital problema social e religioso, qual era o que eu estava explicando ao meu auditório.

Lembro-me, como se tivera sido ontem, que eu disse, e o digo mil vezes, se preciso for, que a convicção e muito menos a persuasão acerca das verdades religiosas não se impõem; que a prevenção e a pertinácia calculada são obstáculos insuperáveis para a aquisição de qualquer doutrina mesmo cientifica. Uma conversão, seja qual for, é sempre producto racional da humana liberdade e o desprendimento total do estado primitivo, que se deixou. Alem disso, prevenir-se contra quaisquer conclusões e proclamar de antemão a impossibilidade delas é inutilizar toda a argumentação, seja ela do espírito mais robusto. Ora, se o Sr. Zacharias de Miranda, está tão aferrado á sua nova religião, que não cogita da existência da verdade do catolicismo, e por conseguinte nem admitte a possibilidade de erro no protestantismo; claro está ainda uma vez que, se Jesus Christo viesse em pessoa pregar-lhe uma doutrina que não a professada por SS. o Sr. José Zacharias de Miranda recusaria formalmente ao próprio Deus a adesão de sua inteligência, com a persuasão de sua vontade. E estaria no seu direito Sr. Zacharias, ainda quando de fato lhe custasse a perdição de sua alma e das almas a quem houvesse arrastado na corrente de suas doutrinas. Já vê, pois, S.S. que eu não podia desafiá-lo. Tendo desde longos anos por hábito respeitar a quem quer que seja em suas convicções, ainda as mais opostas ás minhas, não podia mais uma vez desafiar S.S. Muito menos o teria feito no exercício do meu sagrado ministério, em presença de avultado número de ouvintes, num templo católico, e muitíssimo menos diante do S. S. Sacramento...

O que fica dito é apenas uma real diferencia ao distinto e ilustrado redator do Diário de Sorocaba, ao honrado e brioso povo sorocabano e até ao Sr. José Zacharias de Miranda. Se o Sr. Zacharias de Miranda, entretanto, que nunca temeu discussão no terreno dos princípios religiosos que adota, não está satisfeito com a sua sorte, continue S.S. a não temer. Fique, porém, S.S. certo de que o subscritor destas linhas, por nas vezes, não tem medo, não pode ter, nem deve ter. E, como penhor de minha palavra, prometo ao Sr. Zacharias de Miranda avisá-lo, - quando tiver de ir a Sorocaba, oito dias antes, para que não no púlpito, mas em casa de S.S. ou em casa onde eu estiver hospedado possa satisfazê-lo pessoalmente na medida do ardente desejo que tão galhardamente mostrou em uma nota dirigida ao digno redator desta folha. É possível que seja isso nas próximas férias de Janeiro a Março. Se S.S. não tiver a paciência de esperar, ou contar alguma folgazinha deixada pelos seus inúmeros afazeres, ou tiver de vir a Capital, aqui encontrar-me-á S.S. nas minhas horas vagas. Não quero por nada privá-lo deste prazer por ventura legítimo de S.S. As bases da nossa discussão serão as que S.S. quizer. Eu sou católico, e as bases da minha religião são conhecidas. S.S., que vem derrocar essas bases, é que deve, me parece, preparar-se como quizer e entender. Nada mais, penso, exigirá de mim o Sr. Zacharias de Miranda, aquem, como já disse, respeito como cidadão e que, sabe Deus, virá a ser um fervoroso católico. Despedindo-me de V.S. Sr., redator do Diário de Sorocaba, deixo aqui declarado que nada mais escreverei relativamente

ao assunto que tanto incomodou, ao que parece, o Sr. Zacharias de Miranda. Não tenho tempo para isso. Subscrevo-me de V.S. Admirador e servo agradecido. Padre Camillo Passalacqua. S. São Paulo, 14 de Julho de 1887 (*Diário de Sorocaba*, 17/07/1887).

Artigos 4: A Igreja Cristã

JORNAL DIARIO DE SOROCABA – ANNO VII – Nº 1438 – SEXTA – FEIRA, 2 DE SETEMBRO DE 1887 – PAG. 3

SECÇÃO LIVRE
A EGREJA CHRISTÃ

Será a igreja romana a verdadeira Igreja de Cristo? Sim, não há duvida, dizem 0os seus defensores, porque ela tem a sua frente o papa romano que é o legítimo sucessor de São Pedro a quem Cristo escolheu e exaltou á dignidade de chefe e fundador de sua Egreja.

Como provais que São Pedro tenha sido escolhido e exaltado por Cristo á dignidade de chefe da Igreja Cristã? Porque, respondem, nosso Senhor disse: "Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Egreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella, e eu te darei as chaves do Reino dos Céus, e tudo que ligares sobre a terra será ligado também nos Céus.(S.Matheus cap.16:vs.18 e 19).

São estes dous versículos da escriptura a vara mágica do romanistas, tem o condão de operar toda a sorte de encantamento; o nó gardio cujas poctas escondidas com arte, fazem andar a roda a cabeça.

Áquelles que estão acostumados a ver pelo órgãao visual dos outros.

Pois bem: sem gozar da alta prorrogativa do magnânimo príncipe da fábula, nem me arrogar a bravura de Alexandre, rei da Macedônia, eu me proponho todavia a quebrar por um pouco o encantamento produzido pela magia da varinha romana e a cortar o nó gardio de suas exorbitantes pretenções.

Visto que a egreja romana deriva a legitimidade do seu ministério, bem como a sua preponderante auclaridade destes versículos em questão tem uma significação bem diversa d'aquella que elles, sem nenhum critério, lhes emprestam o edifício de sua arrogante vaidade ruirá por terra.

Peço, pois, vênia ao leitor sensato para demonstrar com alguns argumentos que Christo nunca teve em vista constituir a S.Pedro o chefe e fundamento de sua Egreja.

O contexto dos versículos acima citados reza assim:- "Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?" perguntou Jesus a seus discípulos: "E elles responderam: uns dizem que é João Baptista, outros que é Elias, e outros que é Jeremias ou algum dos Prophetas". Reterque-lhes Jesus: "E vós quem dizeis que sou eu? Respondendo Simão Pedro disse:Tu és o Christo, Filho do Deus Vivo" Volta-lhe Jesus: "Bem-aventurado és, Simão filho de João: porque não foi a carne e sangue quem to revelou, mas sim meu Pae que está nos Céus. Também eu te digo, que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Egreja,etc". (Math.16:13-17).

Quem é a pedra sobre que, Christo disse, edificará sua Egreja? Pedro? Não pode ser, porque uma simples analyse grammatical deste período repudia uma tal aserção. Tu és Pedro, falla aqui na segunda pessoa do singular, ao passo que – esta pedra – está na terceira pessoa. Ora é claro, claríssimo que – esta pedra não se refere tu Pedro – visto não haver concordância pessoal entre – tu Pedro – e – esta Pedra --, a menos que nossos amigos romanistas forgiquem alguma nova grammatica, armada de uma regra especial para sanccionar este monstro grammatical.

Além d'isto a questão de gênero não é menos importante. Dizer-se que "esta pedra"" refere-se a Pedro é uma concordância em genero não menos monstruosa do que a concordância em pessoa acima referida. Como poder-se-ia admittir concordância grammatical um determinativo em terminação feminina com o objecto ou pessoa determinado em terminação masculina! Ora, é evidente que o demonstrativo – esta – não pode de modo algum referir-se a – Pedro – em conseqüência de seu gênero.

Mas então a quem se refere a expressão: "e sobre esta pedra?" refere-se sem dúvida a uma terceira pessoa nomeada no discurso. Pedro tinha dito em resposta a Jesus: "Tu és o Christo Filho de Deus Vivo". Ahi temos a terceira pessoa do singular com a qual deve concordar a expressão – esta pedra – Tu és o Christo – tornando mais lato o pensamento de Pedro, ou mais expansivo: -- Tu és essa pessoa divina, admirável que, nós, esperávamos, viria nos resgatar do jugo do extrangeiro; tu és esse Christo filho de Deus Vivo que tem sido sempre a esperança d'este povo decaído; tu és o Christo, o Ungido do Senhor.

Pois bem; sobre esta pessoa divina, adorável, que Pedro confessava que era o Christo filho de Deus Vivo,sobre este Christo de sua confissão, nosso Senhor disse que edificaria a sua Egreja. Então quem é a pedra? É aquella pessoa que era o objecto de confissão de Pedro.Christo pois e não Pedro era a pedra angular, escolhida, preciosa, sobre que repousaria a Egreja Christã. Para corroborar esta interpretação citarei o facto ter o próprio São Pedro (como os outros apóstolos) entendido a palavra em questão no sentido que eu lhes hei dado.

É assim, que quando uma turba de judeus attonitos, entre os quaes os sacerdotes, o magistrado do templi e os sadduceus, olhavam para Pedro, atribuindo a elle o poder com que curara miraculosamente, na porta do Templo chamado Espicioso, a um homem que era coxo desde o ventre de sua mãe, elle lhes diz: "Seja notório a todos vós e a todo o povo de Israel: que em nome de nosso Senhor Jesus Christo Nazareno... é que este se acha em pé deante de vós". "Esta é a pedra que foi rejeitada por vós architectos, que foi posta pela primeira fundamental do ângulo"(Actos cap.4vs.10 e 11). S.Pedro pois muito longe de julgar que elle mesmo fosse a pedra fundamental de Egreja, reconhecia ao contrario, que Jesus era essa pedra fundamental.

Mais tarde, escrevendo de Babylonia a sua primeira epistola geral, dirigida aos extrangeiros dispersos pelo Ponto, Galacia, Cappadoccia, Ásia e Bithinia, S. Pedro, como que prevendo a interpretação errônea que no futuro haviam de dar às palavras de Christo, exprime-se em linguagem terminante dizendo: Chegae-vos para elle,(isto é, para Christo), como para a pedra viva que os homens tinham sim rejeitado, mas que Deus escolheu e honrou (1ªPedro 2:5).

Notae a energia da expressão do apostolo: "Chegae-vos para elle, para Christo, que é a pedra viva; não diz: chegae-vos para mim, porque eu sou a pedra sobre que, Christo disse, edificaria a sua Egreja". Si, portanto, São Pedro defendia o papel que querem fazel-o representar na Egreja é porque, melhor do que seus pseudo successores, tinha elle comprehendido o alcance das palavras de Jesus.

(Continua)
Sorocaba,Agosto de 1887
J.Zacharias de Miranda

JORNAL DIARIO DE SOROCABA – ANNO VII – Nº 1440 – DOMINGO, 4 DE SETEMBRO DE 1887 – PAG. 3

SECÇÃO LIVRE
A EGREJA CHRISTÃ

(Continuação)

Já demonstrei por uma analyse grammatical do texto do capitulo 16 de S.Matheus, que S.Pedro não é a "pedra fundamental" ou chefe da Egreja Christã; demonstrei mais que o próprio S.Pedro nunca se imaginou revestido desse caracter, mas ao contrário apresentava " a Jesus como a pedra viva", etc. Continuando direi que S.Pedro também ignorava que Christo tivesse conferido a S.Pedro preeminência sobre seus condiscípulos, e nem portanto o reconheceu jamais como chefe da Egreja. Citarei o seu ensino a respeito: No capitulo 3 e versos 10 e 11 de sua 1ª Epistola aos Corinthios expreme-se S.Paulo do modo seguinte: "Segundo a graça de que me foi dada lancei o fundamento como sábio architecto: mas outro edifica sobre elle. Porque ninguém pode por outro fundamento senão o que foi posto, que é Jesus Christo". É digno de notar-se que São Paulo estava combatendo uma idea errônea que n'aquelles dias, dilacerava a Egreja de Corinthios preeminência ou superioridade, uns a Paulo e outros a Cephas (Pedro), e outros a Apolo; erro esse que não teria logar se todavia fosse idea corrente entre elles que S.Pedro era o chefe da Egreja.

Ora, se nosso Senhor tivesse constituído a São Pedro como chefe de sua Egreja, S.Paulo havia de sabel-o e necessariamente, e seria mais lógico que elle citasse então a preeminência de S.Pedro o que tanto bastava para cortar a questão pela raiz. Mas assim não foi; S.Paulo e Apollo em um mesmo pé de egualdade com elle, faz ao contrário sobressair a nosso Senhor no seu caracter de único e exclusivo chefe da Egreja: Ninguém pode pôr outro fundamento sinão o que posto que é Jesus Christo. Escrevendo á Egreja de Epheso diz S.Paulo no capitulo 2º e verso 20 de sua Epistola: Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, sendo o mesmo Jesus Christo a principal pedra angular. Não se distingue aqui S.Pedro dos outros apóstolos, nem todos os apóstolos dos profetas; mas todos, apóstolos e profetas,(ou a Egreja por elles representada) têm um fundamento comum.

É claro portanto dos versículos citados que estes apóstolos não entenderam a palavra de Jesus: Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei minha Egreja. No mesmo sentido em que as tomam hoje os theologos romanos; pois a doutrina da supremacia de S.Pedro é pura invenção do neo-christianismo romano que procura acommodar o sentido das Escripturas ás conveniências de occasião.

Chamarei a attenção do leitor para uma outra ordem de ideas que vem corroborar o que acima fica dito. A pratica da Egreja na época apostólica, tanto com o procedimento dos apóstolos são um testemunho eloqüente que prova que elles nunca reconheceram S.Pedro como seu chefe ou seu superior, mas sim, simplesmente seu igual. Ora não se pode admittir que os apóstolos não considerassem a S.Pedro como seu superior se todavia Jesus lhe tivesse dado a primasia; seria isto um peccado gravíssimo, e o mesmo S.Pedro, investido do poder supremo sobre elles chamal-os-ia sem duvida a ordem.

Provemos. Uns poucos de factos bastam para dar uma prova cabal do que avanço. Nos Actos dos Apóstolos, capitulo 8º e verso 14º, nós lemos as seguintes palavras: - Os apóstolos porem que se achavam em Jerusalém, tendo ouvido que a Samaria recebera a palavra de Deus, mandaram-lhe lá a Pedro e a João.

D'este versículo evidencia-se que o governo da Egreja nos dias dos apóstolos era exercido colletivamente; não havia nenhum chefe, nenhum primaz que dessem ordens; mas reunidos os apóstolos conferenciavam e deliberavam segundo o consenso de todos. Onde pois a chefia de S.Pedro? Era necessário mandar pregadores a Samaria, o corpo deliberativo, o Presbyterio direi, designou a Pedro e a João. Mas não é uma cousa absurda, monstruosa os subordinados, mandarem o seu chefe?!... Não era mais consentâneo com os princípios que regem a todos as sociedades bem organizadas, que São Pedro mandasse, desse suas ordens como chefe? Mas não; não só elle não mandou como ainda foi mandado.

Porventura viu-se jamais os soldados mandarem seu general ao serviço? A menos que estejam insubordinados? Mas a cousa explica-se facilmente: é que não havia tal chefia, e que elles não reconheciam superioridade ou auctoridade em São Pedro mais do que em S.João, e por isso, considerando-os no mesmo pé de egualdade, mandaram-nos juntos ao trabalho. Fique pois bem assentado isto: os subordinados não podem mandar a seu chefe; mas os apóstolos mandaram a São Pedro, logo elle não era seu chefe.

Isto posto, volvamos a nossa attenção para um outro facto não menos significativo e que se acha narrado no capitulo 11 dos Actos, v.1 a 3 e 18. Foi o caso que tendo S.Pedro, sem conseqüência de uma revelação, ido á casa o centurião Cornélio que era um Gentio, pregar-lhe o Evengelho, os outros apóstolos e os demais irmãos que eram da circuncisão ficaram sobremodo incomodados, por isso que era absolutamente defeso aos Judeos ter comunicação com os Gentios. E pois, quando S.Pedro voltou a Jerusalém, elles o chamaram a contas, para explicar o seu procedimento que julgavam irregular: E ouviram os irmãos que estavam na Judéia que também os Gentios haviam recebido a palavra de Deus. E quando Pedro passou em Jerusalém disputavam contra elle os que eram da circuncisão, dizendo: Porque entraste tu em casa de homens que não são circuncidados, e comeste com elles? Mas Pedro tomando as cousas desde o principio lhes expunha... Elles tendo ouvido este arrazoamento, se aquetaram. (Leia-se também o capítulo 10 dos Actos).

Agora pergunto: seria correcto o procedimento dos apóstolos para com S.Pedro, si elle fosse seu chefe? Não é evidente, d'este facto, não salta mesmo aos olhos que os apóstolos não reconheciam a São Pedro como seu chefe? Não é também claro que S.Pedro portou-se antes como companheiro do que como superior submettendo-se áquelle interrogatório de seus irmãos e dando-lhes todas as explicações necessárias para mostrar a legitimidade do seu comportamento? Sim, é tão evidente que só não saltará aos olhos dos cegos!

O que aconteceria si nos nossos dias algum dos bispos ou cardeaes tivesse a ousadia de dar uma ordem ao papa, de deixar, por exemplo, o Vaticano e ir aos Estados Unidos pregar o Evangelho, ou se exigisse do papa explicações ou satisfação de qualquer acto por elle praticado? O que aconteceria é que esse ousado insubordinado provaria immediatamente o gume cortante do iroso gládio do anathema sit.

Segue-se pois, por uma conclusão muitíssimo lógica que, por isso mesmo que os apóstolos exigiram explicações de São Pedro sobre sua conduta e São Pedro deu-as, elle não era superior, mas egual.

(Continua)

Zacharias de Miranda

2-8-87

JORNAL DIARIO DE SOROCABA – ANNO VII – Nº 1441 – TERÇA-FEIRA, 6 DE SETEMBRO DE 1887 – PAG. 2

SECÇÃO LIVRE

A EGREJA CHRISTÃ

(Continuação)

Si eu na demonstração que eu propuz fazer do erro em que têm caído os theológos romanos na interpretação da passagem do capitulo 16 e versos 15-19 do Evangelho de S.Matheus, me tivesse limitado a exhibição dos fatos apresentados nos meus dous artigos já publicados, tinha mesmo assim apresentado já numa somma de evidências assaz sufficientes para levar a persuasão a qualquer espírito não attacado de prevenção; os factos porem, sobre o assumpto em questão, abunndam com tanta profusão que julgo dever apresental-os, senão todos, ao menos alguns mais.

Apreciemol-os... S.Pedro, escrevendo sua primeira carta geral, teria indubitavelmente deixado transparecer alguma cousa da auctoridade de que se achava investido por direito divino, si tal auctoridade existisse. Começa elle: Pedro, apostolo de Jesus Christo etc. Não seria mais lógico que elle começasse: Pedro, Príncipe dos Apóstolos, por Jesus Christo constituído em chefe de sua Egreja, etc,etc? Não é assim que procedem os seus suppostos sucessores? O papa Martinho V, pseudo-sucessor de S.Pedro, dava-se nas suas cartas os títulos pomposos e sacrílegos de - Santíssimo e mui abençoado, que tem o poder eclesiástico, senhor sobre a terra, sucessor de S.Pedro, o Christo do Senhor, o Senhor do Universo e pae dos reis, a luz do mundo, o summo sacerdote e quejandos pedantismos!!!

Mas S.Pedro era simplesmente o apostolo de Jesus Christo como qualquer outro apostolo. No capitulo 5º da mesma epistola diz elle:<< Esta é a rogativa que eu faço aos presbyteros...eu presbytero como elles etc. Notae: a rogativa que eu faço – e não – a ordem que eu dou como costumam a se expremir os superiores. E acrescenta o apostolo:- eu Presbytero como elles - e não – eu chefe supremo e primaz sobre elles. Não havia pois tal superioridade.

Mas o leitor vai ficar mais admirado quando souber que em certa occasião S.Paulo reprehendeu a S.Pedro com toda a energia, porque elle não procedia rectamente: Tendo vindo Cephas(Pedro) de Anthiochia, eu lhe resisti na cara, porque era reprehensivel. Mas quando eu vi que elles não andavam direitamente segundo a verdade do Evangelho, disse a Cephas diante de todos: si tu sendo Judeu, vivia como os Gentios, e não como os Judeus, porque obriga tu os Gentios a judaizar? (Gálatas 2:11 e 14).

E perante o facto d'esta ordem pode-se ainda sustentar que S.Pedro fosse jamais chefe dos apóstolos? Porventura a lógica dos factos que hei apresentado não é por demais convicente? Ainda mais: Quando os apóstolos e os presbyteros reuniram-se em Concílio em Jerusalém para examinar uma questão que affligia as Egrejas, não nos consta que S.Pedro tomasse a presidência, e até mesmo só usouda palavra depois de haverem todos discutido a matéria, devendo-se ainda notar que a opinião que obteve approvação de todos e que, portanto descidiu a questão, não foi a do supposto chefe, mas sim a S.Thiago(vede Actos 15:vs.5 a 20).

Direi, de passagem, duas palavras sobre um outro facto sob e modo significativo. Em S.Lucas cap.22 e vs.24 a 27 lê-se: Excitou-se também entre elles a questão sobre qual d'elles se devia reputar o maior. Notae bem que isto se deu na tarde em que Jesus foi trahido, e portanto muito tempo depois que Jesus pronunciara as palavras:- Tu és Pedro etc. em virtude das quaez, os romanistas affirmam, foi S.Pedro feito maior que os outros. Mas então como suscitou-se uma tal questão de primazia quando já todos deviam saber que S.Pedro era o maior que todos?! O mais admirável é que intervindo Jesus na questão, em vez de lhes recordar que elle já tinha constituído a Pedro como o maior e chefe de todos, diz lhes ao contrário pois não havia entre elles maior e menor, mas todos eram eguaes!!

Diante de todos esses ensinos e factos bíblicos fica mais evidente que a pretensão dos romanistas acerca de S.Pedro e de seus successores não é mais do que uma patota e bem mal arranjada; e que bem prova ser a religião romana uma religião recheada de innovações. Nos primeiros séculos do Christianismo como nos dias dos apóstolos, jamais foi attribuido a S.Pedro o caracter de chefe da Egreja. E quando essa errônea noção começou a invadir a Egreja, os Padres(ou Santos Oadres) pronunciaram-se contra ella em termos formaes. Ouçamos, pois, o testemunho de alguns Santos Padres, citados muitas vezes pelos pliemistas romanos em apoio da legitimidade dos dogmas da sua Egreja.

São Gregório de Nyssa diz:- Tu és Petrus, et super hanc petram,etc. Significa a confissão de Christo: porquanto elle (Pedro) tinha dito antes; Tu és o Christo, Filho do Deus vivo. Santo Hilário assim se exprime: Haec est uma Felix fidei Petra, quan Petrus ore suo confessus est; o que em portuguez quer dizer: É a única bemdita pedra da fé, aquella que

Pedro confessou com sua bocca e acrescenta: Sobre a rocha da confissão de Pedro está o edifício da Egreja.

S.Cyrillo diz: Petra nihil aliud est, quam firma et inconcussa discipuli fides; o que quer dizer:- A pedra não é outra cousa sinão a firme e immovel fé do discípulo. S.Chrisostomo explica: - Super hanc petram, id est, in hâc fide et confissione aedificabo ecclesiam meum; traduzido:- Sobre esta pedra, isto é, sobre esta fé e esta confissão, eu edificarei a minha Egreja. Santo Agostinho diz:- Petra erat Christus super quod fundamentum etiam aedificatus est Petrus; que significa:- A pedra era Christo, sobre o qual fundamento o mesmo Pedro foi também edificado; e accrescenta mais adiante: - Non me aedificabo super te, sed te aedificabo super me; em portuguez: Eu não me edificarei sobre ti; mas te edificarei sobre mim.

Ouvi agora Origener: Petra est, quicumque est discipulus Christi: et super talem petram construitur omnis ecclesiastica doctrina. Quod in super unum illum Petrum tantum existimas aedificare toctam ecclesiam, giud dicturus es de Johanne filio Tonitrui, et apostolorum unuquoque? Numaudebis dicere quod adversus Petrum unum non prevaliturae sint portae inferorum? Na soli Petro dantur a Christo claves regni caelorum? Traduzido:- É a pedra todo aquelle que é discípulo de Christo: e sobre uma tal pedra toda a douctrina ecclesiastica é edificada. Si imaginas que toda a Egreja é edificada sobre Pedro somente, o que haveis de dizer de João filho do Trovão, e de cada um dos outros apóstolos? Ainda ousareis dizer que as portas do inferno não prevalecerão somente contra Pedro? Porventura as chaves do reino dos céus foram dadas por Christo a Pedro somente?

Eu podia citar contra as pretenções exorbitantes de Roma as opiniões de S.Jeronymo, dos papas Adriano e Nicolau, de Jonas, Bispo de Orleans, de Erasmo e de muitos outros não atacados da mania do supposto poder papal; mas julgo que o que hei dito é por demais convincente.

S.Pedro não foi reconhecido como a pedra fundamental da Egreja por quarenta e quatro dos Santos Padres!!!

J.Zacharias de Miranda

5-8-1887

JORNAL DIARIO DE SOROCABA – ANNO VII – Nº 1443 – QUINTA-FEIRA, 8 DE SETEMBRO DE 1887 – PAG. 3

SECÇÃO LIVRE

A EGREJA CHRISTÃ - (Continuação)

O testemunho dos Santos Padres que citei no meu ultimo artigo deve ser para os romanistas sinceros de grande pezo, já por ser o testemunho de pessoas que gozavam de grande reputação no seio da Egreja romana, e considerados orthodoxos, de sorte que mereceram muitos d'elles (senão todos) a canonização, já porque a egreja costuma cital-os sempre em abono da orthodoxia de seus dogmas.

Eu podia ainda se não temesse tornar-me muito prolixo citar muitíssimos outros factos e ensinamentos bíblicos que demonstram que S.Pedro nunca foi considerado maior do que seus condiscípulos, mas simplesmente egual a elles; porém julgo tel-o já explicado a sociedade: S. Pedro não foi constituído por Christo chefe da Egreja, mas foram sim alguns homens que impellidos pela cupidez do domínio e da grandeza o constituíram chefe da Egreja: as palavras: - e sobre esta pedra edificarei a minha egreja não significam de modo algum – e sobre ti Pedro – edificarei a minha egreja, mas sim sobre a verdade da confissão de Pedro, isto é, sobre o Christo, que elle confessou ser o filho do Deus vivo, verdade fundamental do Christianismo, repousaria a Egreja Christã.

Demonstrei-o, repito, com uma analyse grammatical do texto em questão, - com o mesmo testemunho do mesmo apostolo S.Pedro, - com o testemunho da Egreja, que mandou a

S.Pedro, governou-o exigindo explicações do que fazia e porque o fazia e depois de tudo com o testemunho insuspeito de alguns dos Santos Padres da Egreja.

Liquidada portanto essa primeira sentença do capitulo 16 de S.Matheus(v.18), passarei ao estudo da segunda, isto é: - As portas do Inferno não prevalecerão contra ella.

Em toda e qualquer questão em que esteja de alguma sorte envolvida a auctoridade , a pobreza, a infallibilidade da egreja romana, os theologos romanos apellam sempre e invariavelmente para as palavras em questão: - non prevalebunt.

Se dizemos que as douctrinas da egreja têm sido viciadas, de sorte que as de Jesus foram substituídas por mandamentos humanos, dizem: non prevalebunt. Se demonstramos com a história na mão que a egreja romana de hoje não é a mesma do século 1º ou do século 2º, e d'esta sorte não pode ser, não é mesmo, a Egreja de Jesus Christo porque não esta varia, respondem: non prevalebunt; e assim por diante. É o non prevalebunt a chave de ouro com que fecham toda a sorte de duvidas que se suscitam.

Suppoem os romanistas que pelas palavras – as portas do inferno não prevalecerão contra ella – prometeu Jesus a egreja romana uma estabilidade, um successo, uma pureza nunca desmentidos. Pois bem; qualquer que seja a interpretação que os romanista dêm a esta passagem, o certo é que ella não tem nada que ver com a actual egreja de Roma.

O que significam pois as palavras em questão? O poder e a raiva de Satan? – a força temerosa dos exércitos das trevas? – a ira dos inimigos da verdade? – as perseguições, os ódios, as heresias,etc.etc? Mas como ousam dizer os romanistas: non prevalebunt? Ahi temos a historia para comprovar o contrario. Quando os exércitos de Islam varreram o romanismo da face do solo hespanhol, quando o estandartes do falso propheta de Meca tremularam sobre as ruínas fumegantes da Hespanha romana, quando diante do Korão mahometano cessaram o cantochão romano e todos os seus actos de culto, quando diante das hostes dos agarenos iam caindo os templos romanos, os padres romanos, o povo romano, é justo e inevitável confessar, o tão decantado – non prevalent tornara – só lettra morta.

De duas uma: ou a promessa de Christo falhou, ou essa promessa não tinha sido feita á religião que então era vencida pelos filhos do Oriente. Ora sendo a primeira hypothese inteiramente inadimissivel, segue-se, portanto, que a promessa contida n'essas palavras não era propriedade da egreja romana.

E depois como poderão os romanistas negar que muitíssimas heresias se têm levantado e prevalecido na Egreja Romana, sendo algumas d'ellas acceitas e confessadas até pelos seus próprios chefes?!

Poderão porventura negar que os papas Felix e Liborio adheriram ao credo ariano? Não se vê aqui o predomínio da corrupção contra a santidade, si ella existia porventura n'aquella corporação?

O arianismo negava Jesus Christo a qualidade de ser Divino: era simplesmente um homem, diziam elles, uma creatura das mãos de Deus !!

Pois bem, é bom que todos saibam que a egreja de Roma tem até, em certa época, negado a nosso Salvador a Jesus esse attributo que lhe é peculiar desde toda a eternidade:- a sua divindade !!

Ora vemos que o erro tem prevalecido contra a egreja de Roma, mas as portas do Inferno não prevalecerão contra a Egreja de Christo; logo, a egreja de Roma não é a Egreja de Christo.

Qual é portanto a significação precisa das palavras:- as portas do inferno não prevalecerão contra ella(?) É o que demonstrarei no meu próximo artigo.

(Continua)

J.Zacharias de Miranda - 07-9-1887

JORNAL DIARIO DE SOROCABA – ANNO VII – 12/09/1887
SECÇÃO LIVRE
A EGREJA CHRISTÃ
(Continuação)

Continuando a demonstração que me propuz fazer, do erro em que laboram os romanistas quando baseam suas pretenções na supposta primazia de S.Pedro eu vou provar que as palavras: As portas do inferno não prevalecerão contra ella. - não encerram em si nenhuma promessa peculiar à egreja de Roma. A minha demostração consistirá quase que apenas em fazer fallar sobre o assumpto e de modo convincente, duas testemunhas que não podem ser contestadas.

No Psalmo 15(verso 10) nós encontramos uma prophecia do propheta rei, que elucida o ponto da questão. Alli David exprime-se do modo seguinte: Não deixarás a minha alma no inferno; nem permitirás que o teu Santo veja a corrupção. As palavras propheticas do rei David foram achar a sua realização no sepulchro de Jesus Christo; porquanto o vocábulo inferno que elle usa, é traduzido da palavra grega – hades, que tem a significação de – dormitório, ou logar onde repousa os mortos, a sepultura emfim.

O propheta rei alludia a esse acontecimento memorável que teve logar em 1553 annos mais tarde, - a ressurreição de Jesus, cujo corpo lançado na sepultura(hades) não viu corrupção, nem foi retido pelos laços da morte. Podia-se até fazer o seguinte trocadilho na traducção do texto sem alterar-lhe a significação: Não permittirás que as portas do inferno prevaleçam contra a minha alma etc...

Que David não fallou de si mesmo, mas de Christo, - a pedra fundamental da egreja, e contra quem as portas da sepultura não prevaleceriam, muito bem o demonstra S.Pedro, no capitulo 2 dos Actos dos Apóstolos, quando diz, cittando e commentando o alludido Psalmo:- Porque não deixarás a minha alma, nem permittirás que o teu Santo experimente corrupção. Varões irmãos, seja-me permittido dizer-vos ousadamente do Patriarcha David, que elle morreu e foi sepultado; e o seu sepulchro se vê entre nós até ao dia de hoje. Sendo elle Propheta e sabendo que com juramento lhe havia Deus jurado que do fructo dos seus lombos se assentaria um sobre o seu Throno, prevendo isto fallou da ressurreição de Christo, que nem foi deixado no inferno (sepultura) nem a sua carne viu corrupção. Actos 2:27 e 29 –31.

Pois bem, a palavra grega – hades – de que foi traduzido o vocábulo –inferno- significa sepultura ou logar onde repousam os mortos, e, portanto, a phrase – portas do inferno – significa – portas da sepultura, ou figuradamente – o poder da morte; e quando nosso Senhor disse: - e as portas do inferno não prevalecerão contra ella, usou da palavra inferno (hades) no mesmo sentido em que foi ella usada pelo psalmista e por S.Pedro nas passagens supracitadas.

É claro portanto que, quando Jesus disse: - as portas do inferno não prevalecerão contra ella – queria com isto significar que a – verdade que S.Pedro acaba de enunciar, quando disse: Tu és o Christo etc., era uma verdade tam firme como uma Rocha; que sobre essa Rocha da confissão de Pedro elle edifficaria a sua Egreja, e a estabilidade de sua Egreja seria a conseqüência de estar ella fundada sobre um tal fundamento indestructivel, o qual resistiria a própria sepultura. E, pois as portas do inferno, ou o poder da morte (as portas da sepultura) não prevaleceram contra Jesus Christo, que era a verdade da confissão de Pedro. Christo falava aqui de sua ressurreição.

A estabilidade e duração do edifício depende da solidez de seu fundamento, o como o fundamento da Egreja Christã foi tal que resistiu a própria morte, de sorte que as portas da sepultura (ou do inferno) não o poderão reter, a Egreja de Christo subsistirá, resistirá a todos os ataques, por isso que se acha firmada sobre aquelle fundamento vivo. Mas a Egreja romana rejeitou o fundamento que por Deus foi lançado, - fundamento vivo e em virtude do qual a

Egreja de Christo subsistirá, e o substituiu por S.Pedro, que não é, não pode ter sido aquelle que por Deus foi lançado. Portanto não tem ella o direito de arrogar a si a estabilidade que quer derivar das palavras em questão, porquanto as portas dos inferno não prevalecerão contra a Egreja unicamente pela estabilidade de seu fundamento.

Não se pode atribuir a S.Pedro esta estabilidade que foi attribuida á pedra sobre que a Egreja de Christo foi edificada, visto como podemos argumentar contra S.Pedro, como o mesmo S.Pedro argumentou contra David; pois que, como David, S.Pedro morreu e experimentou a corrupção, e não nos consta que, á semelhança de Christo, elle resucitasse para poder-se dizer:- as portas do inferno não prevalecerão contra a egreja romana, porque as portas da sepultura não prevaleceram contra S.Pedro – o seu fundamento.

(Continua)
J.Zacharias de Miranda
12-9-1887

JORNAL DIÁRIO DE SOROCABA – ANNO VII – Nº 1448 – QUARTA-FEIRA 15 DE SETEMBRO DE 1887 – PAG. 3

SECÇÃO LIVRE
A EGREJA CHRISTÃ
(Continuação)

Tenho já explicado algumas das sentenças que se compõem os dous versículos da Escriptura que estou discutindo e têm sido manejados pelos romanistas em abono de sua supremacia; restam porém duas sentenças sobre as quaes farei algumas observações.

Nosso Senhor disse a S.Pedro:- Eu te darei as chaves do reino dos céus.
Pretendem os romanistas que, por estas palavras, foi S.Pedro investido de poderes especiaes que não foram conferidos aos seus condiscípulos, mas somente a elle na sua capacidade de chefe. Já demonstrei que S.Pedro nunca foi reconhecido por seus condiscípulos como superior, e portanto qualquer que seja a significação da sentença em questão, ella não lhe conferiu superioridade. Qual é pois a significação exacta d'estas palavras de Jesus a S.Pedro? Significam ellas porventura que a S.Pedro foi outorgado o direito de introduzir, almas no céu? Não, porque em tal officio é prerrogativa especial de Christo e d'elle só.

O verdadeiro sentido d'esta promessa é que a S.Pedro foi concedido o privilégio de ser o primeiro a abrir a porta da salvação aos Judeus e aos Gentios, pela pregação do Evangelho, e cumpriu-se litteralmente quando no dia de Pentecostes elle pregou aos Judeus e mais tarde elle visitou ao Gentio Cornélio. N'estas occasiões São Pedro serviu-se das - chaves para abrir a porta da fé, ennunciando o Evangelho.

Mas o facto de ter Jesus concedido a Pedro o privilégio de ser o primeiro a fallar aos Judeus e aos Gentios, das Boas Novas de Salvação, não implica que ficasse elle investido de auctoridade sobre os outros; porquanto assim como Christo outorgou a Pedro este privilégio e não aos outros, também deu commissões especiais a outros e não a Pedro. De S.Paulo por exemplo, disse Jesus: Este é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome diante dos Gentios, dos Reis, e dos filhos de Israel. (Actos 9:15).
E entretanto, apezar de ter Jesus escolhido a São Paulo para uma missão tão importante, e de ter fallado ainda a seu respeito com palavras tão honrosas, ningém se lembrou jamais de attribuir a São Paulo a superioridade aos seus condiscípulos que não foram honrados com esta missão.

As palavras de Christo pois significavam que a São Pedro foi delegado o poder de ser o primeiro a annunciar as boas novas da Salvação por meio de Jesus, pois foi d'este modo que elle usou das - chaves - no dia de Pentecostes, e em casa do centurião Cornélio. Mas esta prerrogativa não foi conferida só a Pedro, mas a todos seus condiscípulos, pois que no dia de Pentecostes o Espírito Santo que desceu sobre os apóstolos e discípulos, e em virtude qual elles foram constituídos e habilitados pregadores do Evangelho, foi diffundido sobre todos sem distincção. E nós vemos portanto todos os apóstolos fazendo uso das - chaves - isto é: abrindo pela pregação o thesouro das graças de Deus, perante os peccadores; vemol-os annunciando as Boas Novas não sob a superintendência de nenhum homem, nem mesmo de Pedro.

O poder das chaves foi pois conferido a todos. Todos nós que somos sacerdotes, diz Santo Ambrozio, recebemos na pessoa do bemaventurado Pedro as chaves do reino dos Céus. (Ambrozio, De Dignit.Sacerd.). Na linguagem metaphorica d'esta passagem avulta a idea de abrir ou fechar, tal é o uso das chaves. Ora não foi só S.Pedro que pregou o Evangelho, ou segundo a metaphora, abriu o reino dos céus: os outros apóstolos também o abrira, logo o poder das chaves era comum a todos elles.

Devo dizer que com este poder com que Deus investiu os seus apóstolos em nada se parece com o poder que o papa romano reclama para si, pois o poder conferido aos discípulos era puramente espiritual ao passo que o papa reclama para si o poder civil e temporal.

A última sentença que vou elucidar é a seguinte: E tudo que ligares sobre a terra será ligado também nos céus: e tudo que desatares sobre a terra será desatado também nos céus.

Esta sentença, como as outras já examinadas não outorga a S.Pedro a prioridade. Basta que notemos que nosso Senhor outorgou a todo os outros apóstolos o mesmo poder de atar e desatar.(Veja-se S.Matheus cap.18 vs.18).

Julgo desnecessário expor a doutrina ensinada n'este versículo visto como o que me proponho é somente demonstrar que S.Pedro não tinha primazia sobre seus irmão no ministério, e isto é claro desde que esta promessa foi feita não só a elle, mas a todos, como vemos na última citação feita.

De tudo o que tenho exposto n'este e nos artigos antecedentes resulta a evidência que S.Pedro não foi constituído por Christo como chefe dos Apóstolos.

Julgo tel-o provado abundantemente. A idea de que São Pedro foi o chefe da Egreja está de tal sorte tão radicada no espírito de nosso povo, que reputa-se por cousa impossível provar o contrário. Entretanto as provas e os argumentos que tenho adduzido para demonstração do nenhum fundamento de uma tal doutrina, devem ter levado a luz da convicção aos espíritos ainda não obcecados pelas mentiras dos homens de Roma. Dando por terminada a minha discussão dos versículos 18 e 19 do capitulo 16 do Evangelho de São Matheus; não deporei todavia a penna sem ter tocado em alguns outros pontos que julgo de alta importância para corroborar a argumentação já apresentada.

A idea que S.Pedro foi constituído chefe dos Apóstolos, e que, em conseqüência, elle fundou a Egreja de Roma, cuja direcção tomou durante vinte e cinco annos, isto é, até a sua morte, é distituida de fundamento e carece inteiramente de provas. São Pedro não podia ter sido o fundador da egreja romana, nem tão pouco podia ter elle sido seu bispo em tempo algum visto com o São Pedro nunca foi a Roma! Para que não se diga que este avançado é absurdo, eu vou demonstrar que S.Pedro nunca foi a Roma!

(Contunua)
J.Zacharias de Miranda
13-9-1887

JORNAL DIARIO DE SOROCABA – ANNO VII – Nº1450 – SABBADO, 17 DE SETEMBRO DE 1887 – PAG. 3

SECÇÃO LIVRE
A EGREJA CHRISTÃ
(Continuação)

Ao concluir o meu ultimo artigo discutindo a doutrina de Roma a propósito das palavras de Jesus enunciadas nos versículos 18 e 19 do capitulo 16 de S.Matheus, eu disse que a idea de que S.Pedro tenha sido bispo da Egreja de Roma onde dizem que elle residiu durante 25 annos, pelo menos, é inteiramente distituida de fundamento. Continuo pois a sustentar que é inteiramente falso que S.Pedro fosse o fundador e o primeiro bispo da egreja de Roma, occupando a Sede d'ella pelo espaço de 25 annos(ou até a sua morte), porque pode-se demonstrar com precisão mathematica que: "São Pedro Nunca Esteve em Roma."
Por mais extranha que pareça esta minha affirmação cathegorica áquelles que habituaram-se a considerar a superintendência de S.Pedro sobre a egreja de Roma como um facto de uma certeza tão averiguada que não seja licito duvidar-se de sua veracidade, e não obstante verdade, e verdade que me proponho provar com argumentos que não temo sejam refutados, que São Pedro nunca esteve em Roma

Ora se S.Pedro nunca esteve em Roma, claro está que não podia ter sido elle o fundador e primeiro bispo d'aquella egreja, a menos que o fosse por procuração. Não se diga que eu tento contrariar ou negar um facto histórico aceite como verdade inconcussa durante muitos séculos. A residência de S.Pedro em Roma e sua superintendência sobre aquella Egreja não são factos históricos, mas sim fábulas astuciosamente forjadas por capciosos farçantes que fizeram da religião de Jesus um negocio lucrativo, e que supre têm sabido converter com tacto e arte estas fabulas em fonte inexhaurivel de riquezas e poder.
Não seja a minha questão somente de palavras, tenho-me acostumado a provar sempre o que affirmo, e portanto sem usar de mais preâmbulos, ou das formalidades do estylo entrarei de chofre em matéria.
Peço ao leitor toda a attenção.

Affirma S.Jeronymo(século 5º), e com elle muitas outras auctoridades competentes, da egreja romana, que São Pedro depois de haver sido bispo da egreja de Antiochia durante sete annos, transportou-se para Roma, onde fundou uma egreja e collocou-se a frente d'ella
occupando a sua sede durante 25 annos. Accrescenta a tradicção que São Pedro residiu em Roma de 23 a 29 annos; obtendo afinal a palma do martyrio juntamente com S.Paulo, no anno 66 ou 67 da era christã.
Investiguemos. É opinião universal que nosso Senhor Jesus depois de haver ressucitado foi assumpto ao céu no anno de 32 da era christã. Tendo-se dado a morte de S.Pedro no anno 66 ou 67 segundo os chronologistas romanos, temos um lapso de 33 ou 34 annos entre a Assumpção de Christo e a morte de S.Pedro. Addicionando pois o número de annos(7) que São Pedro foi bispo em Antiochia ao tempo que dizem ter elle sido bispo de Roma(25) resulta que elle devia ter sido Bispo de Antiochia logo depois da Assumpção de Christo, isto é, alguns annos antes que a Egreja de Antiochia fosse fundada(!!) o que me parece ser absolutamente impossível.

Mas prossigamos. A Idea acceita entre os romanistas que São Paulo foi convertido pelo menos 2 annos depois da Assumpção de Christo; isto é: no anno 35. São Paulo nos diz em sua epistola aos Gálatas(capitulo 1º,versos 17 e 18) que logo depois de sua conversão partiu para a Arábia e d'ella voltou a Damasco, d'onde, no fim de 3 annos, seguiu para Jerusalém para ver a Pedro. Isto deve ter sido portanto não antes do anno 38. Nota-se pois: no anno 38 Pedro ainda estava em Jerusalém.

Em seguida, no verso 1º do cap.2º da mesma espistola aos Gálatas, diz S.Paulo que 14 annos depois foi de novo a Jerusalém onde encontrou ainda São Pedro. N'essa occasião, diz S.Paulo escrevendo aos Gálatas:- Tendo visto que me havia sido encommendado o Evangelho do prepúcio(isto é: dos Gentios), como também a Pedro o da circumcisão(ou dos Judeus): e como Tiago, Cephas (Pedro) e João que pareciam ser as columnas, conheceram a graça que se me havia dado, deram as dextras a mim e a Barnabé; em signal de companhia para que nós fossemos aos Gentios e elles á circumcisão. (Gálatas 2:7-9).

Isto teve logar no anno 52 da era christã, e portanto 14 ou 15 annos antes da época tradicional da morte de S.Pedro. Abro aqui um parenthesis para fazer uma observação suggerida pelos últimos textos citados. Refere ahi S.Paulo que a elle tinha sido encommendado o Evangelho do prepúcio como a Pedro o da circumcisão, de sorte que, foram ambos para os seus respectivos campos de trabalho: São Paulo para os Gentios, e São Pedro para os Judeus. Ora tendo sido S.Pedro constituído apostolo dos Judeus, é claro que elle não iria, como não foi, exercer o seu ministério em Roma, que era cidade gentia, mormente quando Christo tinha constituído a S.Paulo como Apostolo dos Gentios.

Voltemos a nossa investigação. Temos visto, segundo os dados que S.Paulo nos tem fornecido, que no anno 52 da era christã, ainda S.Pedro estava em Jerusalém, não tinha ainda partido para Roma afim de fundar a egreja de Roma, e collocar-se á sua frente como legítimo pastor. Ora, d'ahi a 14 annos, segundo os chronologistas romanos, deve ter se dado a morte de S.Pedro; onde estão portanto os 25 annos de sua residência em Roma na qualidade de Bispo d'aquella egreja?!

Pouco depois S.Paulo faz ainda menção de se ter encontrado com S.Pedro quando este vinha de Antiochia(veja-se Gálatas 2:11). Não tinha ainda S.Pedro partido para Roma e era já o anno 58. Note-se faltava somente 8 ou 9 annos para a epocha tradicional da morte de S.Pedro, e elle ainda não tinha transportado para a sede do seu bispado onde devia permanecer durante 25 annos! Com estes dados que ahi ficam registrados que fui buscar em fonte limpa(na Bíblia) pode-se affirmar sem medo de errar:- a declaração de ter S.Pedro residido em Roma, de 23 a 29 annos(ou, termo médio 25 annos) é inteiramente falsa!!...

Portanto, é inevitável a seguinte conclusão – os theologos e historiadores romanos que propagam a falscíssima noticia de ter S.Pedro residido em Roma como Bispo d'aquella Egreja, durante 25 annos, mentiram escandalosamente!!
(Concluir-se-á) J.Zacharias de Miranda - 14-9-1887

JORNAL DIARIO DE SOROCABA – ANNO VII – Nº 1451 – DOMINGO, 18 DE SETEMBRO DE 1887 – PAG. 2
SECÇÃO LIVRE
A EGREJA CHRISTÃ
(Conclusão)

Temos compulsado a historia da Egreja, na sua própria fonte, para ver si encontramos um vestígio siquer de que São Pedro tenha sido fundador e bispo da egreja de Roma ou alli tenha residido, e entretanto, do estudo que temos feito resulta que no anno 58 da era christã ainda São Pedro não era bispo de Roma, nem lá tinha ido.

Dada hypothese que S.Pedro fosse n'essa occasião a Roma e alli permanecesse durante o resto de sua vida, governando a egreja, ainda assim os chronologistas romanos convencem aos historiadores, também romanos, de mentirosos, porque não podia o apostolo governar a egreja pelo espaço de 25 annos, visto como elle morreu logo depois, no anno 67.

Porem continuando a investigar os oráculos divinos vemos que, si até o anno 58 não havia vestígio da estada de S.Pedro em Roma, mas antes provas incontestáveis de que elle lá não tinha ido jamais, muito menos o encontramos, depois d'eesa época.

Provemos. No anno 60: apenas 6 ou 7 annos antes da época em que a tradicção diz ter-se dado a morte do apóstolo, escreveu São Paulo, a sua epistola aos Romanos. Essa epistola êllo desmentido mais formal da Idea de estar S.Pedro n'aquelle tempo em Roma. N'ella o apostolo Paulo exprime-se com a'quella auctoridade que lhe conferia a sua qualidade de apostolo dos Gentios:- Convosco fallo, ó Gentios, emquanto eu na verdade for Apostolo das Gentes, honrarei o meu ministério,etc.(Romanos 11:13).

Um tal procedimento e tal linguagem seriam condemnaveis si Pedro fosse bispo dos romanos. Como se atreveria um subordinado escrever com tom de auctoridade apostólica uma carta doutrinando, admoestando,etc, a uma egreja que estava sob os cuidados de outro apostolo, e estando a sua frente o seu legítimo pastor, que era ainda pastor universal?!... Não seria isto uma falta de deferência para com o legítimo chefe d'aquella egreja, falta essa que não commetteria por certo o apostolo das Gentes, mormente quando elle protestava, na mesma epistola aos Romanos, que não queria edificar sobre fundamento de outrem?(Rom.15:20).

Ora, si S.Paulo pregando ou escrevendo aos romanos não edificava sobre fundamento de outro, mas annunciava o Evangelho onde não havia ainda sido feita menção de Christo; segue-se que ou São Pedro no anno 60 ainda não tinha ido a Roma, ou si lá estava não pregava então o Evangelho, tornara-se uma testemunha muda, o que não cremos.

Ainda mais: no capítulo 16 da mesma epistola aos Romanos, ao concluir a sua carta, Paulo saúda aos christãos de Roma, especificando o nome de muitos, ,as, cousa admirável! Nem uma palavra de sympathia fraternal ou de respeito tem elle para dirigir ao seu collega de trabalho e chefe da egreja!

Não é verdade, não é mesmo indispensável suppôr-se que si S.Pedro estivesse em Roma São Paulo faria menção do seu nome?!

Continuemos porém. Mais tarde, no anno 65, um ou dous annos antes da morte de São Pedro, São Paulo foi levado preso a Roma; alli viveu elle em um aposento que alugara (Actos28:30) e não em companhia de seu irmão no trabalho e nos soffrimentos por Christo.

Dalli escreveu elle muitas cartas às egrejas, mas guarda em todas ellas o mais impenetrável silêncio sobre São Pedro. Havendo comparecido perante Nero para ser julgado, viu-se S.Paulo ao desamparo de seus irmãos, abandonado de todos. Em sua 2ª epistola a Timotheo faz S.Paulo menção d'isto e diz: Nenhum me assistiu na minha primeira defensa, mas todos me desampararam; permitta Deus que isto não lhes seja imputado. (2ºTimotheo 4:16).

Seria possível que o grande apostolo Pedro, o chefe da egreja, tivesse a cobardia inqualificável de deixar o seu súbdito ao abandono no meio de seus inimigos?

Julgamol-o incapaz d'isso. Escrevendo, de Roma, sua epistola aos Colosenses, São Paulo depois de fazer menção de seus companheiros de trabalho, taes como: Tychico, Onésimo, Aristarco, Marcos,etc. accrescenta:- estes só são os que me ajudam no Reino de Deus, elles têm sido a minha consolação (Colon:4:7-11). Onde estava então Pedro que não só não ajudava S.Paulo no trabalho do Reino de Deus em Roma, mas nem mesmo o consolava com a sua sympathia? Por certo que não estava em Roma. Onde estava então Pedro durante esse tempo? Perguntará o leitor, e o que fazia elle? S.Pedro mesmo responde que estava em Babylonia (veja-se a sua 1ª epistola cap.5º-vs.13).

Si S.Pedro estava dirigindo a egreja em Babylonia que como sabeis é uma cidade localizada na Ásia Menor a margem do Rio Euphrates, é claro que não estava dirigindo a egreja de Roma, que é na Itália a margem do Rio Tibre! Menos que os romanistas queiram passar pela decepção de dizer que a Babylonia de que S.Pedro falla é a mesma Roma, o que

não será muito boa recommendação para a Egreja de Roma, visto o que acerca de Babylonia se diz no Apocalypse caps.17 e 18. Recomendo a leitura d'estes capítulos.

Quando pois esteve S.Pedro jamais em Roma? Temos examinado a questão com todo o cuidado e com inteira isempção de animo, e chegamos a uma conclusão inevitável: S.Pedro nunca esteve em Roma! Si alguém julgar capciosa a minha investigação, não obstante ter-me baseado em testemunho tam authentico, assiste-lhe o dever de refutar, a minha argumentação.

Em conclusão: si a legitimidade dos direitos que a religião romana imagina ter é oriunda da Idea errônea de que nosso Senhor tenha constituído S.Pedro como chefe de sua Egreja e que em conseqüência elle fundou e dirigiu a egreja de Roma, essa auctoridade tam decantada, esse poderio tam preconizado, são illegitimos, visto como tenho provado nos meus artigos: 1º Jesus não constituiu a S.Pedro como chefe de sua Egreja nem lhe deu jamais auctoridade sobre seus condicipulos; 2º S.Pedro não foi reconhecido pelos outros apóstolos como seu chefe, nem consta que os dirigisse ou governasse, mas muito pelo contrário consta que elle foi dirigido e governado; 3º São Pedro nunca esteve em Roma o que o impossibilita de ter elle sido o fundador e primeiro bispo da egreja romana!

Concluímos pois: o papa não é chefe da religião ou da Egreja Christã, visto como elle presume ter herdado sua gerarchia de S.Pedro, quando é certo que S.Pedro nunca gozou de um tal privilégio. Uma falsa herança não outhorga um direito legítimo!

Eia pois, cheguemo-nos a Jesus, o fundamento precioso e único da nossa esperança em nenhum homem, porque como nos diz S.Pedro, fallando de Jesus:- Do Céu abaixo nenhum outro nome foi dado aos homens pelo qual nós devamos ser salvos.(Actos 4:12). Como o fez o apostolo, ao abysmar-se nas ondas procellosas do mar da Galiléia brademos também nós a Jesus por socorro(Matheus 14:30 e 31). E ouvindo e acceitando o conselho do mesmo apostolo São Pedro: Cheguemos para elle(Jesus) como para a pedra viva, que os homens tinham sim rejeitado, mas que Deus escolheu e honrou. (1º Pedro 2:4).

Jesus só, Jesus antes de tudo, e não Pedro ou qualquer outra creatura humana!

J.Zacharias de Miranda
Sorocaba, 16 de Setembro de 1887

Artigos 5 – O CASO DE RIO FEIO – CONFLITO ENTRE CAMPO RELIGIOSO PROTESTANTE E CAMPO RELIGIOSO CATÓLICO

JORNAL DIARIO DE SOROCABA – ANNO IX – Nº 2013 – DOMINGO, 18 DE AGOSTO DE 1889 – PAG. 2
SECÇÃO LIVRE
O CASO DO RIO FEIO

A Gazeta de Tatuhy em artigo editorial inserto, em seu n. 47, traz a campo sob a rubrica – Os Protestantes – a questão do Rio Feio, de triste celebridade.

Fiquei sobremodo surprehendido ao apreciar os exercícios de alta prestidigitação exhibidos pelo author do mencionado artigo que, em phrase apaixonada, procurou com uma semcerimonia que causa pasmo inverter os papéis, convertendo os meus perseguidores em victimas muito innocentes de desacatos engendrados por algum fantasista, avançando inverdades clamorosas, adulterando factos conhecidíssimos, imprestando aos protestantes a paternidade das scenas de selvageria, dos actos de vandalismos praticados pelos bons catholicos do Rio Feio.

A minha surpreza subiu de ponto quando passei da leitura do editorial da gazeta ao officio-informação dirigido pelo delegado de Tatuhy ao sr. Chefe de Policia, e que vinha

appenso ao mesmo editorial, documento esse que sevia de base as affirmações inecxatas da Gazeta.

Eu não devia tomar á sério os avançamentos inecxatos, inverossímeis da Gazeta, comquanto essas inecxatidões visassem um duplo objectivo:

Exercer influência e fazer pendor no animo do Dr. Juiz de Direito, para dispol-o em favor dos criminosos, e estimular os homens do Rio Feio e incital-os a novas tropelias contra mim, pois precisamente na occasião em que a Gazeta achou conveniente tratar do assumpto e pelo modo que o fez, sabia o seu redactor que eu achava-me no Rio Feio ou pelo menos nas suas proximidades; mas, esse acervo de inexactidões está baseado em um documento official que a seu turno falsêa a verdade de um modo deplorável, julgo de rigoroso dever dar um desmentido formal a Gazeta e ao officio do delegado de Tatuhy.

O attentado monstruoso que teve logar na noite de 10 de Novembro p. p. em Rio Feio, e que visava tolher aos protestantes o livre exercício de seu culto, é bem conhecido; a imprensa sensata e criteriosa da província bem como a da Corte o divulgou, verberando ao mesmo tempo energicamente aos seus auctores, e é de admirar que haja gente de coragem tão fria que tente com fim e intenção calculados adulterar factos tão recentes e bem averiguados, no intuito de embair a opinião pública, innocentar os criminosos e tornar-lhes favorável a sentença a longo tempo esperada, do processo instaurado pela justiça publica contra os turbulentos do Rio Feio.

O publico deve ter ainda bem presente a lembrança das tropelias mandadas pôr em scena no Rio Feio, por pessoa que tinha grande interesse de obstar o progresso da propaganda evangélica alli, mas para boa ordem e clareza das rectificações que me proponho fazer, das falsidades contra nós assacadas pela Gazeta de Tatuhy, farei ainda que a largos traços, um apanhado dos principais acontecimentos que precederam ao attentado ou tiveram logar na occasião, analysando em seguida os avançamentos montruosos da Gazeta de Tatuhy bem como as inecxatas informações ministradas pelo delegado ao dr. Chefe de Policia.

De volta a uma viagem a Faxina, onde fui em visita pastoral à Egreja Evangélica alli existente, tinha eu de passar pelo Rio Feio onde existe também, uma communidade evangélica da qual tenho a honra de ser ministro. Pregar alli o Evangelho de nosso Senhor Jesus Christo; instruir os membros da communidade das verdades da religião christã, administrar-lhes os Sacramentos e celebrar um casamento, eis os motivos que me levaram ao Rio Feio.

De Guarehy e de Itapetininga acompanharam-me dois amigos membros da Egreja Evangélica, um moço e duas meninas, pessoas essas que aproveitavam o ensejo de minha estada em Rio Feio para ir visitar a família Amaral de que são amigos e ao mesmo tempo assistir aos cultos que alli deviam ter logar.

Foram estas e unicamente estas pessoas que me acompanharam de Guarehy e que constituía a capangada de que fala o delegado de Tatuhy em seu officio-informação dirigido ao dr. Chefe de Policia. Quando partimos de Guarehy, ignorávamos absolutamente que em Rio Feio se machinasse um plano de assalto contra os protestantes e principalmente contra mim, com o fim, de obstar que eu celebrasse o casamento alli planejado bem como o culto evangélico.

A primeira noticia que tivemos da conspiração foi a duas léguas distante de Rio Feio e só fomos bem informados do plano de aggressão, em casa do sr. Feliciano do Amaral, onde pernoitamos n'esse dia.

No dia seguinte, a tarde, partimos da fazenda em direcção á povoação onde se deviam realizar as reuniões para o culto bem como o acto de casamento, sendo o grupo que me acompanhava formado das pessoas já mencionadas e mais alguns membros da família Amaral, muitos dos quaes eram senhoras e crianças.

Para evitar o brutal attentado tive a prudência de enviar na véspera, um officio ao dr. Antonio Candido de Almeida e Silva, Juiz de Direito da comarca; informando-lhe da

aggressão que se planejava contra mim e pedindo providencias garantidoras de minha liberdade e dos direitos que, baseado em lei, me assistem no desempenho do meu ministério.

Cumpre-me dizer aqui que o meu officio nenhum resultado produziu.

Ao chegar próximo a povoação encontramos o caminho guardado por homens armados, capitaneados por Francisco Manuel e seu genro, segundo nos informaram mais tarde pessoas insuspeitas, e que alli montavam guarda desde a véspera, jurando pelos manes de seus maiores, que o ministro protestante tinha de ficar em pedacinhos.

Apesar da attitude ameaçadora do grupo postado na estrada e confiando na proteção divina passamos a ponte defendida, e o fizemos com toda a ordem sem partir do nosso lado uma só palavra de provocação, um só gesto que se podesse traduzir em ameaça. Na povoação hospedamo-nos em casa do sr. Geraldo do Amaral, onde deviam celebrar também as reuniões para o culto.

Logo após a nossa chegada notamos uma certa agitação, um movimento ameaçador na rua: eram alguns dos capangas do sr. Francisco Manuel que a percorriam a galope para baixo e para cima, em aprestos para o assalto, era o mesmo sr. Francisco Manuel de Oliveira que andava de casa em casa convidando, segundo me disseram, o rapazio do logar para ajudal-o na piedosissima tarefa de atirar pedras na casa onde eu me achava hospedado e insultar com palavras torpíssimas aos protestantes alli reunidos.

A aggressão realizou-se logo ao anoitecer quando ainda não tínhamos começado o nosso culto e não depois que começou a prédica como, para não sahir de seus moldes habituaes, affirma a Gazeta de Tatuhy. Das scenas de vandalismo dignas só de selvagens, dos insultos grosseiros, das palavras torpíssimas, das ameaças de morte que então partiram d'esse povo emminentemente catholico, d'esse homem distinctissimo, como com muita graça os qualificam a Gazeta e o delegado, o publico já foi em tempo, bem informado, e hoje ainda todo homem honesto, ordeiro e que não malbarateia adjectivações, sente subir-lhe ás faces o rubor da vergonha, por ver que ainda se practica em nosso paiz, na antepenúltima década do século XIX, em poucas palavras, a exposição fiel dos acontecimentos tristes que se deram no Rio Feio, e que segundo consta, foi mandado por em scena por certa entidade que, ardendo em desejos de abafar o movimento protestante n'aquelle logar e não estando na altura de o fazer pela palavra, pela persuasão, pelo convencimento, como fazemos a nossa pacífica propaganda, não trepidou ante a negra acção de abusar da ignorância de um povo e comprometteul-o estimulando-o a commetter um crime.

Rememorando assim em poucas palavras o caso do Rio Feio, passarei a apreciar sem raiva, com animo desprevinido, o capcioso editorial da gazeta e o não menos inexacto officio-informação que ao dr. Chefe de Policia dirigiu o delegado de Tatuhy e que se acha appenso ao mesmo editorial.

Sorocaba – Agosto – 1889

J. Zacharias de Miranda

(Continua)

JORNAL DIARIO DE SOROCABA – ANNO IX – Nº 2015 – QUARA-FEIRA, 21 DE AGOSTO DE 1889 – PAG. 2

SECÇÃO LIVRE

O CASO DO RIO FEIO

No meu artigo passado tomei o compromisso de dar um desmentido às inexactidões avançadas pela Gazeta e pelo delegado de Tatuhy; é o que vou fazer n'este artigo.

Principiaremos, portanto, pelos tópicos mais salientes que devem ser refutados. Diz a Gazeta que – nós nos tornamos intolerantes – tomamos o Rio Feio como uma conquista – quizemos nos impor a consciência – que "annunciou-se previamente o dia da chegada do

ministro sr. Zacharias de Miranda e que durante a sua estada no Rio Feio, seriam estragadas as imagens... e estabelecido definitivamente o culto protestante" que o – povo reagiu; mas os culpados de tudo foram os srs. Protestantes, etc,..etc...

O delegado, a seu turno, em officio que denuncia pelo estylo, a penna da redacção da Gazeta, traz o seu contingente para o grande monumento da farça, affirmam que: - um grupo de capangas do Guarehy, se reuniu (a nós), com o fim de auxiliar-nos em violência previamente meditadas e annunciadas contra a população catholica da localidade, cujas crenças promettiam desrespeitar – quebrando as imagens, a egreja, arrancando a cruz,etc... – que as scenas de brutalidade que alli tiveram logar foram – conseqüências legítimas da sua, minha e muita imprudência – que planejávamos a instauração de um processo judicial... e outras cousas ejusdem furfuris.

Seria longo citar as imputações, as recriminações e tudo o mais que se escreveu na Gazeta no editorial de 28 do passado. Principiemos a nossa inglória tarefa: revolver esse acervo de impurezas. Principio por affirmar que tudo quanto avançou a Gazeta nos tópicos, acima citados é mentira; todas as informações do delegado de policia são inexactas.

Nunca procuramos nos impor a consciência, fazemos a nossa propaganda convencendo e instruindo, e só se unem á egreja evangélica aquellas pessoas que, comparando a religião romana com a evangélica, e vendo que aquella não está de accordo com os ensinamentos claros e terminantes da Palavra de Deus (Bíblia) que é a base doutrinaria fundamental da religião christã, não podem mais continuar a viver no erro visto como não adoptam a religião como objecto de luxo.

Convido, portanto, a redacção da Gazeta de Tatuhy a apresentar uma prova, apprecisar um facto na propaganda evangélica no Brazil, que se possa traduzir em imposição a consciência, que possa também ser taxado de intolerância. Não é capaz de o fazer salvo se lançar mão de uma mentira, para o que parece ter a Gazeta fez ao artigo.

A Gazeta de Tatuhy commette uma grande iniqüidade em emprestar-nos os predicados de intolerância e imposição à consciência. Não somos intolerantes, nunca quizemos nos impo à consciência de quem quer que seja; intolerância e imposição são princípios postos sempre em acção pela egreja romana, mas não se coadunam com os princípios de liberdade emanadas das doutrinas de nosso Senhor Jesus Christo as quaes constituem a regra de fé da egreja protestante.

Grande iniqüidade, disse eu, e disse muito bem, porque a Gazeta deve saber que comquanto sejamos nós cidadãos e brazileiros e que como taes concorremos com o nosso contingente para o engrandecimento da pátria, pagando o nosso tributo pecuniário e, quando preciso para a defesa nacional, pagando também o nosso tributo de sangue, somos todavia excluídos dos privilégios e regalias concedidas a outros que, muitas vezes, hypócritas, arrastam sua consciência na lama, ante a imposição despótica de uma religião privilegiada, sendo a nossa crença religiosa apenas tolerada, como nossa carta de alforria (vulgo Contituição), negando-se, não raras vezes, os poderes constituídos, a dar-nos as garantias a temos direitos como cidadãos e até mesmo procurando exercer pressão sobre as nossas consciências! E nós é que somos intolerantes! E nós é que queremos nos impor!

Grande iniqüidade, disse eu, e disse com muita justiça porque a Gazeta de Tatuhy devia saber que, intolerante e déspota das consciências é a egreja que ella pretende defender procurando deprimir o protestantismo. E para proval-o não será necessário mais do que compulsar a história. N'ella encontraremos a violação prepotente e bárbara de todos os direitos a liberdade que assistem a cada indivíduo. Foi a egreja cujos defensores nos chamam de intolerantes, que arremessou seus filhos a essas sanguinolentas cruzadas, em terras longínquas para, em nome da religião de Christo, o Deus de amor, de Christo que ensinou os seus discípulos a perdoar a seus inimigos, de Christo que sendo o Senhor respeitou em seus servos sempre e escrupulosamente o princípio de liberdade que lhes assistia, para, dizia eu,

em nome da religião de Christo matarem, sem piedade, assaltarem as propriedades, locupletarem-se com os despojos violentamente extorquidos ás victimas de sua intolerância, prepotência, e, mais ainda, da cupidez gananciosa dos homens de Roma.

Não poupando mesmo nem a honra dos filhos dos povos assassinados!... E brada – Gazeta no intuito de nos doutrinar: - à consciência não se impõe!. De accordo, mas applique a Gazeta as suas tiradas moralistas lá por casa que bem precisam d'ellas os da sua grey. A consciência não se impõe, mas a sua egreja impunha, pela espada de seus exércitos, à consciência dos agarenos, uma religião que a elles repugnava!

Intolerante é a egreja que mandou perseguir, a ferro e fogo, aos Valdenses que, por motivo de consciência, não quizeram submetter-se ao jugo prepotente dos homens de Roma. Intolerante é a egreja que alagou as ruas de Toulouse com o sangue dos Albigenses; que mandou matar sem piedade aos huguenottes; que mandou desenterrar os ossos de Wiekliff e queimal-os na praça publica para saciar o seu ódio; - que mandou queimar vivos a João Huss e a Jeronymo de Praga; que fez accender as infernaes fogueiras do hediondo tribunal ao qual por uma ironia blasphema, denominaram Santo Offício!...

Intolerante é a egreja que , em nome do Deus de Amor, em nome d'Aquelle que do alto da cruz implorou a Deus o perdão de seus algozes, mandou assassinar nas fogueiras, nos cárceres, á fome, á sede, a fogo lento, com azeite fervendo, nos supplícios do povo, desconjunctando os membros, triturando-os, e por outros supplícios inventados com o maior requinte de mavaldez, aquelles que d'ella dissentiam porque não podiam admittir que um indivíduo se oppozesse a certos dogmas seus, extravagantes:- intolerante, direi emfim para não cansar o leitor, é essa egreja que, não há muitos annos, mandou desenterrar do cemitário do Campinho (província do Rio de Janeiro) os ossos do ex-padre José Manuel da Conceição e atiral-os ao campo, porque esse homem, espírito superior, não pode, em consciência, continuar a fazer parte de uma egreja que sustenta e propaga douctrinas subversivas dos verdadeiros princípios evangélicos ensinados por Christo e seus discípulos! Mais uma vez desafiamos Gazeta a precisar factos que comprovem a nossa intolerância e imposição, pois se o não fizer será tida por calumniadora e indigna da consideração dos homens sensatos.

Sorocaba – Agosto – 1889
J.Zacharias de Miranda
(Continua)

JORNAL DIARIO DE SOROCABA – ANNO IX – Nº 2017 – SEXTA-FEIRA, 23 DE AGOSTO DE 1889 – PAG. 2

SECÇÃO LIVRE
O CASO DO RIO FEIO

Diz a Gazeta de Tatuhy que o povo do Rio Feio ou Bela Vista é emminentemente catholico romano. E nós que fizemos uma idéa bem diversa do que seja um povo emminentemente catholico romano!... Pensávamos e continuamos a crer que um povo emminentemente catholico romano deve ser um povo civilizado, ordeiro, respeitador da propriedade alheia, de linguagem comedida, mais ou menos irreprehensivel em seus costumes e que só differem dos protestantes porque têm seus erros em matéria de fé, e isto mesmo porque são enganados por gente sem temor de Deus.

Mas a Gazeta, malbarateando advérbios, chama emminentemente cathólico um povo que procede como o do Rio Feio procedeu, salvo honrosas excepções; um povo cujos predicados são – a brutalidade, o assalto a propriedade, a linguagem immoral, chula,

insultuosa, o nenhum respeito ao decoro das famílias e aos mais sagrados direitos dos cidadãos.

Pode a Gazeta limpar as mãos a parede. Se em vez de procurar innocentar criminosos a custo de deprimir o caracter alheio, curasse a Gazeta de angariar os meios de amenizar o tracto social d'aquella gente, de fazer d'elles bons cidadãos, ordeiros e progressistas, teria prestado a elles um serviço relevante; teria feito jus ao nosso aplauso e aos louvores de todos se, em vez de encher três columnas de seu papel de mentiras escandalosas procurasse vencer, pela diffusão da instrucção o obscurantismo d'esses homens profundamente ignorantes ainda que emminentemente cathólicos romanos e que pela sua ignorância prestam-se a manejos odiendos de malfeitores de campanário.

Estou mesmo inclinado a crer que os homens que praticaram o attentado de 10 de Novembro, em Rio Feio, sejam naturalmente de bons sentimentos e que sua infelicidade resultam de estarem elles, sob pressão de mandões que não trepidaram em sacrifical-os aos seus caprichos insensatos.

Tornem-se esses homens bons protestantes e eu garanto à Gazeta que elles serão então, mas só então, um povo emminentemente christão.

Diz a Gazeta, em um tom muito vago – que nós tomamos aquelle logar como uma conquista etc... Tenho a dizer que, não cogitamos de conquistas; propagamos o Evangelho de nosso Senhor Jesus Christo, primeiramente porque - elle é a virtude de Deus para dar salvação a todo o que crer; - depois porque é nossa convicção que, o Evangelho, contra o qual os homens de Roma votam tão decidida aversão, é a condição necessária e indispensável para que o nosso povo venha a ser um povo feliz, ordeiro, emprehendedor, progressista; para que o nosso paiz seja livre da prepotência clerical, e occupe, como a grande União Norte-Americana, o logar de honra a que tem direito na vanguarda das nações adiantadas.

Alli em Rio Feio temos tido já o prazer de ver algumas almas preciosas escaparem aos laços ciosos da intolerância e prepotência romana e esperamos na providencia de Deus que, cedo ou tarde aquelles mesmos que hoje servem de instrumentos inconscientes a prepotência de influencias de campanário, hão de deixar-se guiar pelos ensinos do glorioso Evangelho de Jesus Christo.

Diz mais a Gazeta que: - annunciou-se que durante a minha estada em Rio Feio seriam estragadas as imagens etc...

Não duvidamos que se espalhasse alli essa balela adrede preparada por gente que tinha interesse de exasperar os ânimos contra mim, mas o que podemos garantir é que essa notícia não partiu dos protestantes. Cremos piamente que, assim como, há n'alguns lugares, gazeteiros que não trepidam em espisinhar a verdade em defesa do crime, também pode haver quem tenha cynismo bastante para forgicar noticia de supposta iconolastia, se me permittem o termo, e espalhal-a, com fins inconfessáveis entre o povo do Rio Feio. Não votamos ódios às imagens, si bem que seja uma verdadeira calamidade para um povo que se diz christão, adorar ídolos.

Fazemos propaganda contra o erro sob qualquer forma que elle se apresente; e cremos que, quando raiar para o adorador de ídolos a luz da verdade, quando os ídolos de seu coração tiverem sido expulsos, quando elle tiver aprendido a adorar a Deus em espírito e verdade, não precisamos de nos incumbir da tarefa de estragar imagens que outra cousa não são senão – insígnias do erro:- o mesmo dono das imagens, que as comprou com o seu dinheiro, incumbir-se-á e muito expontaneamente de dar-lhes – destino conveniente.

A força de mentir acha-se as vezes o mentiroso em taes difficuldades que cahe no erro de dizer uma verdade para o que não tem vez. Foi o que acconteceu á Gazeta, quando com grande espanto meu, intercalou no seu brocado de mentiras, uma verdade, julgo que uma só, mas muito preciosa: Diz ella: não satisfeitos (os protestantes) de exercerem livremente o seu culto, com as restrições da lei, quizeram se impor!

Já demonstramos a evidencia que só a imposição não se coaduna com os nossos princípios, e podemos ainda garantir que nunca agarramos pela golla ao auctor do editorial da Gazeta para leval-o a contra gosto, a abraçar o protestantismo; elle que o diga se alguma vez fizemos-lhe violência. Portanto só fica de pé a primeira parte da preposicção que e quase rigorosamente verdadeira:- exercem livremente o seu culto com as restricções da lei; - quase, dizemos, porque o – livremente – nem sempre é verdadeiro.
Com as restricções da lei, sim, e quer dizer:- culto domestico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo, (Art. 5 da Constituição). Foi exactamente como procedemos no Rio Feio.

Logo o officio do delegado de Tatuhy, publicado na Gazeta faltou a verdade quando fallou em extrema tolerância do povo do Rio Feio, porque esse povo nos aggrediu quando estávamos dentro dos limites da lei; faltou a verdade quando disse que as agressões partiram dos senhores protestantes. Se como diz a Gazeta, e é verdade, celebramos o nosso culto em Rio Feio, com as restricções da lei. A aggressão não foi conseqüência legitima de minha muita imprudência, e nem foi ainda represália proporcional,etc...mas sim um verdadeiro attentado, preparado com cálculo e ódio.

Os povos cathólicos alli não reagiram porque estávamos no uso de um direito legítimo, garantido por lei; elles provocaram, insultaram, commetteram um crime que, se ainda há juízes em Berlim terá sua justa e merecida punição.

Sorocaba – Agosto – 1889
J.Zacharias de Miranda
(Continua)

JORNAL DIARIO DE SOROCABA – ANNO IX – Nº 2018 – SABBADO, 24 DE AGOSTO DE 1889 – PAG. 2

SECÇÃO LIVRE

Ilmo.Sr. J.Zacharias de Miranda: - Não é despeito e nem a inimizade que dirige-se a S.S. para fazer-lhe um reparo sério e fora de todo o sentimento de religiosidade, pois nunca levei o sentimento á altura do fanatismo. Tenho assistido algumas vezes ao seu culto embora eu seja, quero dizer – sigo as doutrinas de cathólico romano, portanto, não tenho em mente offender ou insultar protestante, porque senhor padre manda, é apenas o defensor de uma causa justa, porque o é verdadeiramente; venho, talvez, perturbar o seu espírito, com razão preocupado pelos seus muitos afazeres, perdoe-me se lhe estou causando esse contra-tempo, embora não o vá offender com ditérios insultuosos só próprios de homens mal educados.

Não, longe de mim tal idea, nunca pretendi defender a causa que me impuz – como advogado com linguagem própria só de lavandeiras que mais compromette a causa que a defende, respeito a S.S. porque a educação que tive isso me impõe rigorosamente, principalmente quando se trata de um cidadão digno de todas as considerações; de um ministro de uma religião embora não pertença a ella, emfim, um homem.

S.S; desculpe tamanha ousadia, rematou um ponto do seu primeiro artigo, publicado a 18, d'esta série de artigos que actualmente se está publicando n'esta folha, sob a epigraphe – O caso do Rio Feio – onde diz para honra e glória da Egreja Romana - Que S.S. faça as suas apreciações quanto ao Dr. Juiz de Direito porque não deu as providências necessárias afim de evitar as violências de que foram victimas S.S. e seus prosélitos, ao delegado porque o denunciou injustamente ao Dr. Chefe de Polícia a Gazeta porque informado pelo delegado deu uma adulterada notícia a seu respeito, é direito e direito incontestável – mas S.S. julgar

que actos de selvageria practicados no Rio Feio, a 10 de Novembro próximo passado, servem para - honra e glória – da Egreja de Roma, merece enérgica contestação.

Do artigo publicado a 21, é este o pedaço que achei mais interessante: Nunca procuramos nos impor a consciência; fazemos a nossa propaganda convencendo e instruindo, e só se unem á egreja evangélica aquellas pessoas que, comparando a religião romana com a evangélica, e vendo que aquella não está de accordo com os ensinamentos claros e terminantes da Palavra de Deus (Bíblia) que é a base doutrinária fundamental da religião christã, não podem mais continuar a viver no erro visto como não adoptam a religião como objecto de luxo.

Objecto de Luxo!... remata esse período do seu segundo artigo. S.S. replica severamente a Gazeta de Tatuhy por tel-o classificado de - intolerante e imprudente – mas diga-se a verdade, este pequeno tópico que transcrevi griphando-o por minha conta, serve de forte attenuante para a Gazeta quanto ao qualificativo de – intolerante e imprudente.

Pergunto: - S.S. teve certeza, de que os actos de selvageria practicados no Rio Feio contra S.S. e seus crentes, por – homens ignorantes, açulados por indivíduos que quase sempre infestam uma pobre terra que tem a desgraça de possuil-os em seu seio, partiu da Egreja de Roma?

A sede da egreja, porventura, será no Rio Feio? S.S. algum dia soffreu n'esta terra e em muitas outras por onde tem celebrado as cerimônias de sua religião, violência ou qualquer cousa que se parecesse com hostilidade? Não predomina n'esses logares onde S.S. tem feito tranquillamente seus cultos, a Egreja de Roma? Diga!... diga pelo amor da verdade, (base fundamental do Evangelho), que S.S. prega constantemente.

Agora no jornal de hoje, encontrei o seguinte pedacinho, que achei gaiato por partir de um pregador da egualdade, fraternidade e mais ainda humildade..

Eil-o no gripho, porque é preciso que vá saliente: Tornem estes homens bons protestantes e eu garanto á Gazeta que elles os serão então, mas só então, um povo emminentemente christão.

S.S. tem a certeza de que este ponto não vae de encontro com o Evangelho, que diz ser base fundamental de sua Egreja, e, sendo S.S. protestante e observando restricta e rigorosamente as douctrinas evangélicas, que diz que – não farás garbo de suas orações. S.S. como protestante que é, não devia avançar em dizer que – para ser emminentemente christão precisa professar o protestantismo.

Termino estes meus rabiscos, dizendo-lhe que S.S. fez com a Egreja Romana o mesmo que a Gazeta e o delegado de policia de Tatuhy fizeram-lhe. A Egreja Romana nada tem com as violências, com os abusos practicados contra a Constituição, na pessoa do sr. Zacharias de Miranda e os seus amigos.

Sorocaba, 23 de Agosto de 1889

O.

JORNAL DIARIO DE SOROCABA – ANNO IX – Nº 2019 – DOMINGO, 25 DE AGOSTO DE 1889 – PAG.2

SECÇÃO LIVRE

O CASO DO RIO FEIO

Pouco é o que nos resta dizer com referencia as recriminações contra nós assacadas na Gazeta de Tatuhy; mormente porque em breve publicaremos n'esta folha a cópia de um officio que remetteremos hoje ao Dr. Chefe de Policia, protestando contra as inexactidões do officio do delegado.

Sentimos immensamente vermo-nos na contingência de tomar a penna para desmentir um documento official, máxime porque estamos acostumados a respeitar com todo acatamento as autoridades sobre nós constituídas; e se as affirmações do Delegado só nos attingisse e não tivessem o alcance de ferir os direitos e a liberdade da Egreja Evangélica, nada diríamos.

Seja-nos permittido entretanto dizer mais duas palavras a respeito. Diz o delegado, no seu officio, que nós planejávamos a instauração de um processo judicial... por damnos etc...
Ignorará por ventura a auctoridade policial que o processo que correu perante o foro de Tatuhy e que hoje está pendente da sentença do Dr. Juiz de Direito foi instaurado ex-officio?

Porque attribuir-nos systematicamente, intenções que nunca tivemos, quando é certo já o dissemos, que ignorávamos absolutamente, ao partir de Guarehy, que havíamos de ser aggredidos em Rio Feio, e quando fomos informados do plano de aggressão não podíamos prever que haviam de se atirar os aggressores com tanto açodamento contra o telhado, as paredes e portas da casa! Abespinha-se o Delegado porque o Dr. Lane, a quem elle, por equívoco nada cathólico chama:- o sr. Laude, escrevendo ao General Couto Magalhães usasse da phrase:- um tal Chico Manuel. Porque tanto, azedume por uma coisa tão fútil? É ou não é o homem em questão, conhecido e tractado ahi pelo nome de Chico Manuel? Há porventura algum desar em tractar-se um individuo pelo appellido que elle trouxe do lar? Pois porque tachar de desprezo nada evangélico o modo como o Dr. Lane escreveu o nome pelo qual é ahi vulgarmente conhecido e tractado o homem em questão, quando o delegado não considera desprezo nada evangélico que outros, que todos ahi o tratam pelo seu nome vulgar:- Chico Manuel?

Ficaria grato em extremo ao Delegado se elle me indicasse quaes os insultos por mim atirados contra o catholicismo, precisando mesmo as palavras insultuosas que usei? Não costumamos insultar; respeitamos as opiniões de todos e de cada um, o que não impede que profliguemos os erros o que nunca pode ser tachado de insulto.

Quizera também que o Delegado me indicasse qual a auctoridade que, no seu dizer, me deu mão forte, fazendo-me acompanhar de uma força para ir ao Rio Feio, e quando isso se deu? O Delegado no intuito de convencer ao Dr. Chefe de Policia, da extrema tolerância do povo do Rio Feio diz que, liberdade tenho eu por toda parte; e para proval-o, cita o facto de ter eu, ainda pouco celebrado um casamento em Tatuhy. Errou o alvo: o facto de ter eu celebrado um casamento em Tatuhy não prova a extrema tolerância do povo do Rio Feio; mas direi que o facto de ter eu ido celebrar o casamento mencionado, em Tatuhy prova que, liberdade não tinha eu em Rio Feio; e a razão é a seguinte:

O casamento quer eu fui celebrar em Tatuhy era de pessoas residentes em Rio Feio, seus Paes, os convidados, todos emfim eram do Rio Feio, excepção feita aos que vieram de São Manuel. Entretanto o casamento não pôde ser celebrado no Rio Feio, foi necessário que todos, com grande trabalho, viessem a Tatuhy porque alli promettia-se sem rebuços matarem-me si eu fosse ao Rio Feio. E entretanto ampla liberdade tenho-a por toda a parte!...

Gostaria também que o Delegado de Tatuhy precisasse o numero e o nome dos capangas que me acompanharam no propósito de pôr em practica as violências previamente medictadas, etc...Pois será crível que um homem não possa mais sahir de sua casa acompanhado de sua mulher ou de seus filhos, que um amigo não possa mais ser acompanhado de seus amigos sem que a sua mulher, os filhos e amigos fiquem expostos ao labéu de capangas?!!

E não sabe o Delegado que muitos dos homens que me acompanhavam na qualidade de capangas eram senhoras que em companhia de seus maridos iam ao Rio Feio para assistirem aos cultos!
Não sei porque singular gymnastica, porque extraordinária transformação, o Delegado de Tatuhy conseguiu fazer do sr. Francisco Manuel, o homem que se constituiu gratuitamente

meu inimigo, o homem que foi incançável, implacável mesmo em concitar contra mim o povo do Rio Feio; - o homem que comandou os aggressores ao assalto da casa e que alli montou guarda até alta noite insultando-nos e ameaçando-me, sobrepujando o fragor do assalto com sua voz bem conhecida, não sei, dizia eu, como pôde o Delegado transformar o sr. Francisco Manuel em meu anjo tutelar...

Com franqueza, os mesmos homens a quem o Delegado tenta innocentar, no seu officio, deve sentir-se envergonhado ao ouvir ler a peça official dirigida pelo Delegado ao Dr. Chefe de Policia. Vou depor a penna para tornar a tomal-a tão depressa quanto o queira a Gazeta de Tatuhy.

Terminando julgamos poder dizer que tractamos a Gazeta com toda deferência; tomando-a na devida consideração de sorte que ella não pode ter razão de queixa contra nós. Si, porventura, reagimos foi porque, aggredidos, outra cousa não podíamos fazer; si na nossa justa reacção fomos alguma vez um tanto forte foi por ser o attaque bastante violento. Podemos entretanto garantir que nunca nos animou o espírito de reprezalia, somos, por índole e por educação religiosa adversos a pena de talião.

Sorocaba, 24 de Agosto de 1889
J.Zacharias de Miranda

JORNAL DIARIO DE SOROCABA – ANNO IX – Nº 2020 – TERÇA-FEIRA, 27 DE AGOSTO DE 1889 – PAG 2.

SECÇÃO LIVRE
UMA BREVE RESPOSTA

Quando emprehendemos a tarefa de offerecer uma contradicta as inexactas affirmações da Gazeta de Tatuhy já prevíamos contestações, isto é, prevíamos que a lucta não seria travada só com aquelle jornal, e não nos enganamos. Acabamos de ler no Diário uma artigo em estylo epistolar, escripto por cavalheiro cujo nome occulta-se sob o pseudonymo – .O.

Pensávamos, porém, que havia de surgir-nos pela frente um sujeito colérico, enfezado, servindo-se de fel por tinta, como de ordinário tem acontecido. Enganamo-nos: o cavalheiro que tomou a si a tarefa de contradictar os nossos humildes assertos collocou-se a altura de uma questão séria como é a de que nos occupamos; delicado, attencioso, molhando, por vezes, a penna em mel, excepção feita a uns pequenos griphos, cumpre bem o seu dever de cathólico romano que nunca levou o sentimento de religiosidade á altura do fanatismo.

Muito bem; apertando-lhe a mão entraremos em matéria. O cavalheiro, cujo nome sentimos não poder articular, depois de um exordio bem lançado cita algumas proposições transcriptas dos nossos artigos publicados n'esta folha, as quaes procura contestar.

O primeiro trecho que surge à tona e que exige uma resposta é o seguinte: Pergunto:- em certeza, de que os actos de selvageria practicado no Rio Feio... partiram da Egreja Romana? A sede da egreja, porventura, será no Rio Feio? S.S. algum dia soffreu n'esta terra e em muitas outras... violência ou qualquer cousa que se parecesse com hostilidade? Respondemos:- Era escusado dirigir-nos a primeira questão; dos nossos artigos evidencia-se que fomos assaltados por um grupo de cathólicos romanos; dissemos mais, que os homens que nos aggrediram eram apenas instrumentos inconscientes de indivíduos que tinham interesse de obstar a propaganda evangélica em Rio Feio.

Cremos que não se pode ser mais explícito, entretanto diremos ainda que os próprios aggressores, diziam no Rio Feio que não havia crime no que faziam porque trabalhavam por

conta de quem manda e pode, que tinham recebido ordens superiores, chegando, alguns mais indiscretos, a proferir, segundo consta, um nome, que julgamos não dever articular aqui.
Perguntamos também:- S.S. pode negar que a brutal aggressão de que fomos victimas emanasse de cathólicos romanos?

Era porventura necessário que a sede da egreja fosse em Rio Feio para que se podesse attribuir o attentado a cathólicos romanos? Si S.S. quer contestar a origem da aggressão, está obrigado a provar-nos que ella não partiu de cathólicos romanos, a provar-nos que os cathólicos que nos aggrediram trabalharam por conta própria e não foram instrumentos de outros que tinham interesse em privar-nos da nossa liberdade.

À parte contestante compete a exhibição das provas. Que o attentado de 10 de Novembro próximo passado, outra cousa não foi que uma nova edição da antiga tragédia posta em scena pela Egreja ou pelo menos por seus agentes, sabe-o todo mundo que conhece bem o facto. Negal-o seria ocioso; seria necessário, para isso, destruir a concatenação dos factos que precederam e seguiram ao attentado. Á pergunta – se algum dia soffremos n'esta terra... alguma violência – respondemos: O facto de não termos soffrido violências aqui é devido a circunstancias especiaes e não prova que a aggressão em Rio Feio não fosse mandada executar por agentes que sabem escolher os logares apropriados para pôr em scena a política da intolerância religiosa.

Predomina, sim, aqui como alli, o mesmo princípio religioso, mas aqui é elle contido dentro dos limites de uma certa tolerância porque encontra bareiras na civilização do povo, e também porque gozamos do privilégio de ter na administração da justiça autoridades criteriosas e justiceiras que garantem a liberdade de todos os cidadãos quaesquer que sejam suas opiniões religiosas.

Julgamos poder dizer ao Sr. O. – que a devolução que fizemos dos epithetos de – intolerante, etc, está muito longe de servir de forte attenuante, como diz para a Gazeta; porquanto, os factos que citamos sob a rubrica – intolerância para mostrar que o procedimento dos homens do Rio Feio a nós é a continuação natural do procedimento da Egreja Romana em todos os tempos e que tem sua ligação lógica com o modo porque ella sempre tem procedido contra os que dissentem de seu modo de ver, são factos históricos, bem averiguados e que para negal-os seria necessário rasgar-se a História, ao passo que as culpas que nos são irrogadas pela Gazeta não as commettemos, foram-nos emprestadas gratuitamente.
Em vão temos procurado o que possa haver de gaiato no último tópico citado, trecho este que, - partindo de um pregador da egualdade – que nunca poderia affirmar que dous princípios que estão em antagonismo em pontos fundamentaes, possam ser eguaes em seus resultados, - affirma que ser bom protestante é ser emminentemente christão.É exactamente o que cremos, e si tal não fosse a nossa crença não seriamos protestantes.

Nem, tampouco, parece resentir-se a nossa publicação, de ausência de humildade ensinada no Evangelho; ella traduz, antes uma convicção profunda. Com effeito julgamos ser muito razoável affirmar-se que si uma religião é verdadeira e conducente á salvação outra que com ella esteja em antagonismo e isto em pontos fundamentaes. Limitamo-nos a estas considerações sobre ponto que S.S. acha gaiato, porque para uma demonstração cabal do que affirmamos seria necessário entrarmos em longa discussão de um ponto theológico fundamental, o que não comporta os estreitos limites d'esta breve resposta.

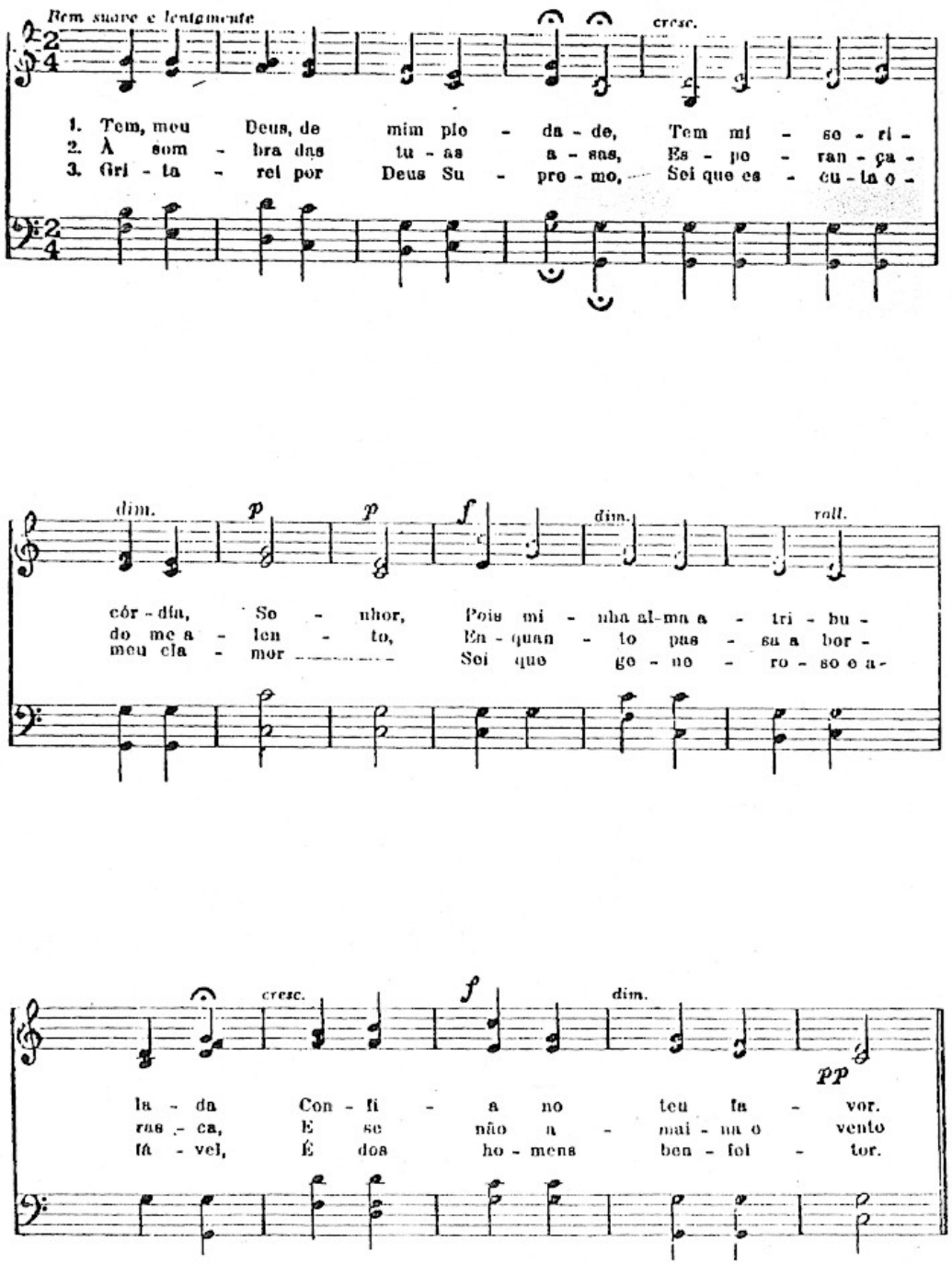
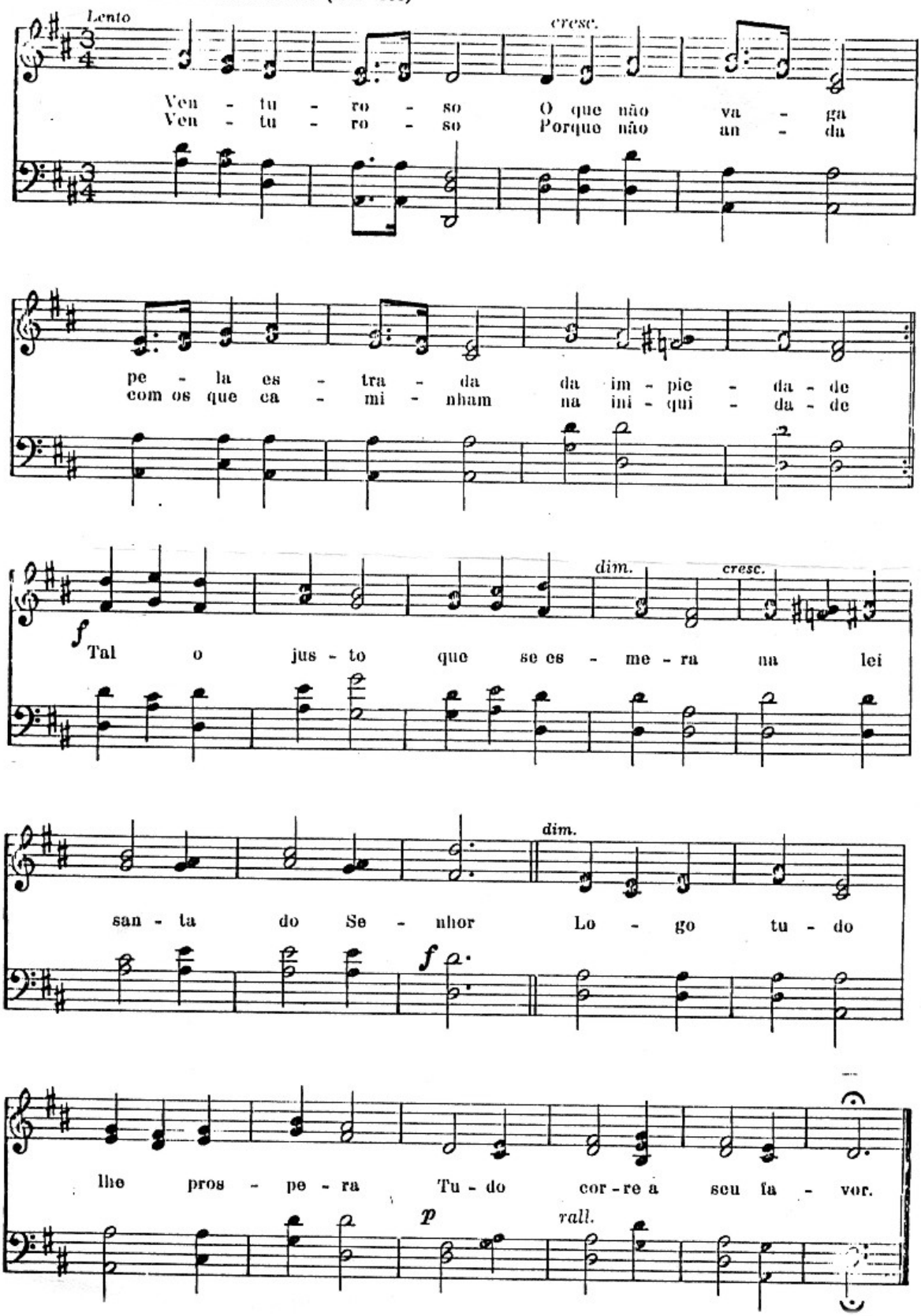
Terminando julgamos poder dizer que, não é verdade que tenhamos feito com a Egreja Romana o mesmo que comnosco fizeram o Delegado e a Gazeta de Tatuhy como diz S.S. porquanto, os factos de intolerância e prepotência que citamos não factos históricos que S.S. não pode contestar ao passo que, como já dissemos, as faltas que nos são irrogadas não são verídicos, ninguém as pode provar.
Depomos a penna afagando a esperança de que S.S. meditando com mais madureza e isenpção de animo sobre o que havemos dito, nos fará justiça, dando-nos inteira razão.

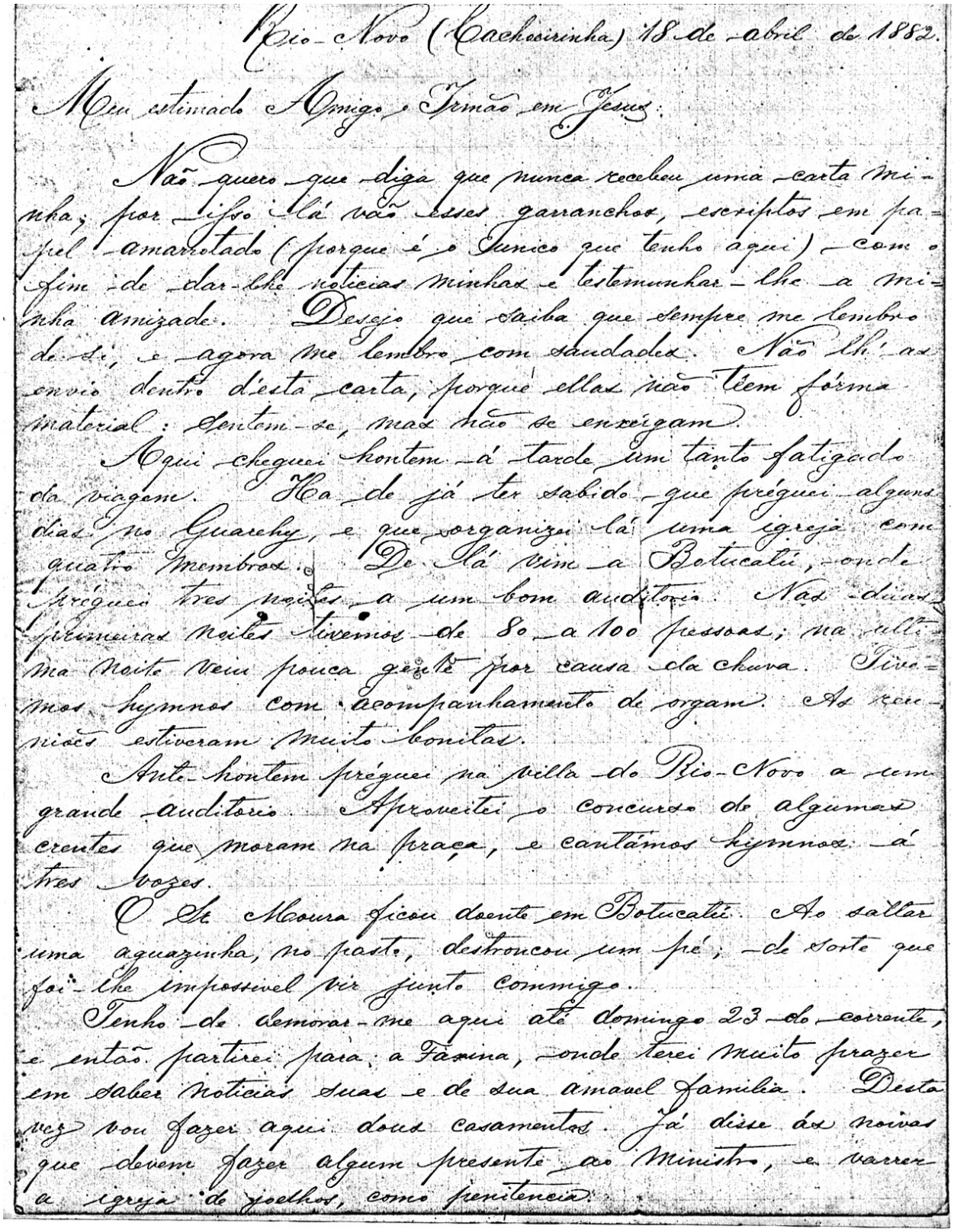
Sorocaba, 24 de Agosto de 1889
J.Zacharias de Miranda

DIÁRIO DE SOROCABA – 01/01/1890

A Gazeta de Tatuí, com referência a um dos membros da propaganda evangélica, foi porque vi nesses referidos pontos, a intolerância implantada neles, digo – em geral, nos crentes da religião que pretende propagar, para provar do que avanço transcrevo uma notícia que li neste Diário, publicada este último domingo, essa notícia vai grifada por minha conta, para que fique saliente e dê na vista dos crentes da propaganda evangélica e não passam bradar a boca alheia – que a intolerância é filha legítima da Igreja Romana e que o erro é só próprio dos católicos romanos e o espírito obscuro predomina no catolicismo romano! Segue-se a notícia: "Cá e Lá"? Deu-se em Londres o seguinte caso: "O arcebispo monsenhor Walsh dirigia-se à Catedral em carroagem, quando esta foi seguida de grande número de populares que apedrejaram o arcebispo". Estas manifestações eram acompanhadas de gritos: "Morra o Arcebispo! Morra o Papa"! O arcebispo ainda foi colhido por uma pedra, ficando ligeiramente ferido. Este Diário comenta da seguinte maneira: "Vá com vistas os protestantes para que se consolem com alguma cousa que sofrem por cá". Até na culta Inglaterra apedreja-se por motivos religiosos. "O mais forte sempre há de oprimir o mais fraco em questões desta ordem".

Pois bem, fiquem os srs. Presbiterianos sabendo, que Rio Feio jamais se pode comparar com Londres, onde é presumível que haja mais civilização do que qualquer uma cidade cá do interior. Fica também patente, que o autor do artigo que acima referi, teve razão – quando num de seus artigos dissera – que a Igreja essencialmente cristã, era a Evangélica prova matematicamente em Londres, o verdadeiro evangelismo! É verdadeiramente cristã, srs crentes? O articulista teve razão. O Cristo do alto do monte – onde pregou a igualdade e a fraternidade, mandou ferir apedradas aos que não comungam as suas idéias? Fico acreditando nisto, uma vez que a Igreja Evangélica é fiel aos preceitos evangélicos e ainda mais o propagandista evangélico pregou aos quatro ventos do mundo que: a Igreja Evangélica é essencialmente cristã! E é verdade! São tão firme no cristianismo como uma pedra. Sou católico romano, si por acaso há algum que pretenda levar-me ao grêmio desta religião, perde seu tempo, meu espírito é tão forte qual uma pedra e não cede aos adociados discursos do cristianismo emperdenido! Desde já lhes digo que é excusado provocarem-me para discussões, porque detesto o sistema de meter-se religião como assunto, questionar-se longamente – quer pela imprensa quer em particular. Quis apenas tornar saliente a obra da igreja essencialmente – cristã, segundo a preposição do propagandista evangélico que em tremendos artigos procurou caracterizar a Igreja Romana como as mais hediondas manchas avermelhadas de sangue que pretendeu que fosse esta quem mandasse fazer derramar. Para não ir mais longe e não cansar a paciência do leitor, faço ponto aqui, limpando e guardando a minha pena, para mais tarde, si houver fatos desta ordem participar aos srs. Evangelistas como se prega o Evangelho as direitas (*Diário de Sorocaba*, 01/01/1890).

Anexo 4: Hinos de Composição de Antonio Pedro de Cerqueira Leite. Arquivo Igreja Presbiteriana de Sorocaba.

ANTONIO PEDRO DE CERQUEIRA LEITE (1845-1883)

Anexo 5: (Cópia da Carta de Antonio Pedro de Cerqueira Leite a um membro da Igreja Presbiteriana de Sorocaba. Arquivo da Igreja Presbiteriana de Sorocaba.



Rio-Novo (Cachoeirinha) 18 de abril de 1882.

Meu estimado Amigo e Irmão em Jesus:

Não quero que diga que nunca recebeu uma carta minha; por isso lá vão esses garranchos, escriptos em papel amarrotado (porque é o unico que tenho aqui) — com o fim de dar-lhe noticias minhas e testemunhar-lhe a minha amizade. Desejo que saiba que sempre me lembro de si, e agora me lembro com saudades. Não lhe as envio dentro d'esta carta, porque ellas não têm fórma material: sentem-se, mas não se enxergam.

Aqui cheguei hontem á tarde um tanto fatigado da viagem. Ha de já ter sabido que préguei alguns dias no Guarehy, e que organizei lá uma igreja com quatro membros. De lá vim a Botucatú, onde préguei tres noites a um bom auditorio. Nas duas primeiras noites tivemos de 80 a 100 pessoas; na ultima noite veiu pouca gente por causa da chuva. Tivemos hymnos com acompanhamento de orgam. As reuniões estiveram muito bonitas.

Ante-hontem préguei na villa do Rio-Novo a um grande auditorio. Aproveitei o concurso de algumas crentes que moram na fraça, e cantámos hymnos á tres vozes.

O Sr. Moura ficou doente em Botucatú. Ao saltar uma aguazinha, no pasto, destroncou um pé; — de sorte que foi-lhe impossivel vir junto commigo.

Tenho de demorar-me aqui até domingo 23 do corrente, e então partirei para a Fasina, onde terei muito prazer em saber noticias suas e de sua amavel familia. Desta vez vou fazer aqui dous casamentos. Já disse ás noivas que devem fazer algum presente ao Ministro, e varrer a igreja de joelhos, como penitencia.

Mando um abraço bem apertado para Inhan; e muitas saudades para serem repartidas entre as seguintes pessoas, cabla uma recebendo a porção que lhe cabe, segundo o grão de amizade que me consagra:

D. Maria, minha amiga;
Joanna, a bôa irmã de caridade;
Babbina, minha estimada comadre;
Eulalia, alma christã;
Claudiana, coração bondoso e sympathico;
Chiquinha, gentil e estimavel;
Tonico, attrahente e serviçal;
João Carlos, severo e honrado;
Maneco, gracioso e leal;
Juca Carlos, agradavel e sincero;
D. Mariquinhas, bôa e amavel;
João de Aguiar, bondade evangelica;
D. Anna, carinhosa e bôa = a nossa Phoebe.
Moysés, o meu amiguinho, portento de intelligencia e discernimento; e as outras crianças do Dr. Juca e Joãozinho.

Saudades tambem á familia de Didita, cuja memoria conservo ainda em meu coração. Vejo ainda ao vivo, como em um retrato, aquelle rosto angelico... aquelle olhar de bondade... aquella fronte sympathica...
— Deus a tenha em sua gloria.

Agora um abraço para o velho, bem, bem, bem apertado. Mas olhe: não me quebre os ossos.

Sempre o sincero amigo
Antonio Pedro.